

MINISÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



Como estudar a Bíblia

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Espírito excelente

“Pareceu bem a Dario constituir sobre o reino a cento e vinte sátrapas, que estivessem por todo o reino; e sobre eles três presidentes, dos quais Daniel era um, aos quais estes sátrapas dessem conta, para que o rei não sofresse dano.” – Daniel 6:1 e 2.

Assim a Bíblia descreve a posição hierárquica de Daniel no reinado de Dario. A expressão sátrapa não é mais usada no mundo administrativo atual, e, algumas vezes, na Bíblia, aparece traduzida como supervisores. Eram 120 homens com os quais o rei dividia autoridade, supervisores regionais. Prevenindo a corrupção, Dario nomeou um outro grupo de pessoas confiáveis, constituindo assim um escalão superior. Eram os presidentes, responsáveis pelas ações dos supervisores. Daniel era um deles.

Sem dúvida, essa era uma posição de muita responsabilidade para Daniel. Com proximadamente 80 anos, não era apenas um ancião respeitado, merecedor de homenagens por seu passado. Era superior a todos: “Então o mesmo Daniel se distinguiu destes presidentes e sátrapas, porque nele havia um espírito excelente; e o rei pensava em estabelecê-lo sobre todo o reino.” (v. 3).

De acordo com o modelo mundano, em nossos dias, o que geralmente determina o progresso profissional de uma pessoa, nem sempre é sua capacidade, mas as autoridades importantes que ela conhece. No reino de Deus, entretanto, o que conta é o que somos. Valem pelo nosso caráter. Devido à integridade de Daniel, Deus achou por bem tocar o coração de Dario, e assim agraciá-lo com uma promoção. É interessante notar a referência bíblica ao fato de que Daniel possuía “um espírito excelente”.

A que se refere esse espírito? Certamente, Daniel era movido pelo Espírito Santo de Deus. Mas não é dEle que o texto fala. A observação aqui está relacionada com a atitude de Daniel, como líder e companheiro de trabalho. Esse é o primeiro sinal de sua integridade, revelado neste capítulo. Se alguém quer ser íntegro, isso precisa ter início no interior. Não é uma questão apenas de fachada ou máscara.

Dotado desse “espírito excelente”, Daniel, como líder, jamais pode ser imaginado desconsiderando seus subalternos. Atitudes autoritárias, repreensões descabidas, manipulação de consciências, nariz arrebitado, não faziam o seu tipo. Socos na mesa, chutes na porta, xingamentos de qualquer espécie, nem pensar. Tampouco se dava ao trabalho de bajular superiores. Chegara onde chegou, por sua nobreza de caráter, elevado nível espiritual e competência.

A todos tratava com o devido respeito. É muito significativo que Daniel não tenha revelado o mínimo sinal de má vontade para com aqueles outros dois homens, designados presidentes juntamente com ele. Poderia ser tentado a vê-los como concorrentes, sombras no seu caminho. Conseqüentemente, trataria de preparar a “queda” de ambos, limpando a estrada de sua ascensão profissional. Pois aconteceu exatamente o contrário: “Então os presidentes e os sátrapas procuravam ocasião para acusar a Daniel a respeito do reino; mas não puderam achá-la, nem culpa alguma; porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum erro nem culpa.” (v. 4).

Daniel não se abalou. Sofreu as conhecidas conseqüências, mas Deus o recompensou.

Que qualidade caracteriza nosso espírito, ou nossa atitude, como líderes? Excelente? Talvez alguns se perguntem: Como os outros vão reagir à minha atitude excelente? Talvez se questionem se ela será louvada pelos liderados, ou recompensada pelos superiores. Isso importa muito pouco, ou nada. O que importa, mesmo, é que tenhamos bem claros os elevados propósitos do nosso ministério, e a Quem estamos servindo. Ele estará atento a tudo. – *Zinaldo A. Santos.*

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obrigos

Ano 67 – Número 04 – Jul./Ago. 1996 – Periódico Bimestral
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

ARTIGOS

8 A SINGULARIDADE DA MENSAGEM ADVENTISTA
Alberto R. Timm

10 LIVRAMENTO PROMETIDO
Ivanaudo Barbosa de Oliveira

13 COMO ESTUDAR A BÍBLIA

18 EVANGELISMO ELETRÔNICO
Jack lange

21 CRISTIANISMO AO VIVO
Jediel Unglaub

SEÇÕES

2 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO
ESPIRITO EXCELENTE
Zinaldo A. Santos

4 ENTREVISTA
O ENGANO FINAL
Elizeu Correia Lira

23 PASTOR
O QUE É SUCESSO PASTORAL
Steve Willsey

26 AFAM
LIDERANÇA FEMININA
ONTEM E HOJE
Kit Watts

Diretor Geral: Wilson Sarli;
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa;
Editor: Zinaldo A. Santos;
Editor de Arte: Wilson de Almeida;
Diagramação: Josias Silva;
Colaboradores Especiais: Alejandro Bullón;
José M. Viana;
Colaboradores: Antônio Moreira; Mário Valente;
Jefté Carvalho.
Capa: Harry Anderson

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 - 70279-970 Brasília, DF.



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

Rodovia SP 127 - km 106 - 18270-000
Tatuf, SP.

3679

O engano final



O Pastor Elizeu Correia Lira nasceu em Vitória, ES, e concluiu o curso teológico no Instituto Adventista de Ensino, em 1984, depois de tê-lo iniciado no Educandário Nordeste Adventista. Trabalhou como professor de Bíblia em Maringá, PR, e distrital na

Pastor Elizeu Correia Lira.

Associação Espírito-Santense. Em 1991, veio para a Casa Publicadora Brasileira, como redator, período no qual serviu como editor da revista Ação Jovem, e editor associado das revistas Vida e Saúde, Nosso Amiguinho e Superamigo. Revelou-se também amante do estudo e da pesquisa. Em maio deste ano, aceitou um chamado para ser pastor distrital em Guarapari, ES.

É casado com Rosângela Rocha Lira, também formada em Teologia e que presta serviços à Casa Publicadora Brasileira como tradutora. O casal tem um filho: Everton, de seis anos.

Às vésperas de sua viagem para a Associação Espírito-Santense, o Pastor Lira falou a Ministério, mesmo envolvido nos trâmites da mudança.

MINISTÉRIO: *Passados cinco anos, como o senhor avalia o trabalho do redator, no contexto missiológico da Igreja?*

PASTOR LIRA: O redator é

fundamental para a Igreja. Ele é um elemento formador de opinião, graças à visão ampla que ele tem das coisas da Igreja. Isso como fruto da experiência que, em nosso caso, alguns possuem como ex-pastores distritais e até como departamentais. Tudo isso dá ao redator condições de

participar mais diretamente do processo de crescimento da Igreja. Acho até que ele deveria ter mais participação no planejamento e na formulação de estratégias missionárias.

MINISTÉRIO: *Parece haver um pensamento segundo o qual o redator, por não realizar séries de conferências, não precisa correr atrás de alvos de batismos, viveria um pouco à margem da missão evangelizadora. Como vê isso?*

PASTOR LIRA: O redator não deixa de ser um pastor. Por seus escritos, ele motiva a Igreja para o trabalho, produz material evangelístico e alcança pessoas de fora da Igreja. Seu púlpito é mais abrangente, seu auditório é mais vasto. Portanto, ele está diretamente envolvido com a Missão Global. Ademais, é bom lembrar que os redatores da Casa Publicadora Brasileira ajudam às igrejas que freqüentam, como anciãos e pregadores, realizando pequenos esforços evangelísticos, dentro da sua esfera.

MINISTÉRIO: *Que fatos considera marcantes em seu trabalho como redator?*

PASTOR LIRA: Quando cheguei à CPB, eu tinha pouco tempo de trabalho pastoral. A oportunidade de contato com líderes experientes, tanto aqui na editora como de outras instituições e outros Campos, foi um fator que me enriqueceu muito. A necessidade de estar sempre pesquisando mais acuradamente também foi muito importante. Mas há um outro fator muitíssimo significativo: a resposta do público ao trabalho. É preciso avaliar melhor o alcance do trabalho do redator. Certamente só a eternidade o fará em sua plenitude, mas os frutos estão aí. Certa vez, escrevi um artigo na revista *Decisão*, sobre a questão da mortalidade da alma. Um leitor, espírita, escreveu lá de Rondônia, contradizendo a argumentação. Enviei-lhe mais subsídios, o rapaz mudou sua maneira de crer e foi batizado. Atualmente está concluindo o curso teológico no Iaene.

MINISTÉRIO: *Quais são seus sentimentos e expectativas em relação ao novo trabalho?*

PASTOR LIRA: Eu estou realmente vibrando. Sinto o entusiasmo e a expectativa de quem está saindo do seminário para assumir o primeiro distrito. A vibração é tanto maior em virtude de tudo aquilo que aprendi nestes últimos cinco anos. Não vejo a hora de poder colocar em prática muitas idéias e experiências que foram acumuladas durante esse tempo.

MINISTÉRIO: *Como espera voltar a conviver com alvos de batismos?*

PASTOR LIRA: Bem, depois de cinco anos sem liderar um distrito pastoral, alguma coisa mudou em minha mente. Sempre existe a possibilidade de modificar certas posições, em cinco anos. Continuo vendo os alvos, especificamente o alvo de batismo, como algo válido. Mas um pastor não pode ter uma visão unilateral, apenas numérica. Vou investir meu melhor esforço para alcançar todos os alvos, mas não pelos números em si mesmos. A motivação é diferente.

MINISTÉRIO: *Que significa ser um pastor de sucesso, em sua concepção?*

PASTOR LIRA: Eu sei que, para muitas pessoas, ser um pastor de sucesso é construir

igrejas, batizar muita gente. Mas essa pode ser uma visão materialista, calcada em números e estatísticas, que impede o pastor de realizar um trabalho mais profundo em favor do ser humano. Eu creio, no entanto, que um pastor de sucesso é aquele que se entrega à direção do Espírito Santo, que partilha com os membros, apascentando-os, guiando, orientando. Isto é ser pastor na essência da palavra.

MINISTÉRIO: *Como vê o púlpito adventista hoje?*

PASTOR LIRA: Certamente precisa melhorar. Muitos ouvintes estão carentes de uma mensagem que alimente, fortaleça, conforte, instrua e enriqueça a vida espiritual. Há muita mensagem promocional e isso não alimenta o rebanho. Noutras vezes são pregados sermões muito teológicos, que não atingem à realidade prática dos membros das igrejas. Isso faz lembrar uma declaração feita por um grande pregador do passado: "As ovelhas olham para cima e saem famintas." Precisamos de mensagens objetivas, bíblicas, cristocêntricas e contextualizadas.

MINISTÉRIO: *O que o levou a escrever um livro sobre Nova Era?*

PASTOR LIRA: É uma boa pergunta. A certa altura, lendo e ouvindo sobre o assunto, comecei a me indagar: se este é um assunto relevante, se outras denominações religiosas estão produzindo material de esclarecimento sobre o tema, se corremos o risco de ver introduzida, em nossos arraiais, sua perniciosa influência, por que não se fazer algo? Assim, procurei estudar e pesquisar mais sobre o assunto e partilhar com o público o resultado disso.

MINISTÉRIO: *Para algumas pessoas, está sendo atribuída à Nova Era mais importância do que se deveria atribuir. Que acha desse pensamento?*

PASTOR LIRA: Quando, por volta de 1875, foi criada a Sociedade Teosófica dos Estados Unidos, Ellen White combateu vigorosamente a questão. Ela disse ter sido instruída a combater os ensinamentos que desvirtuam a personalidade de Deus. Da mesma forma, não podemos permanecer indiferentes ao perigo que representa a Nova Era. Somos chamados a ser atalaias, e

necessitamos dar o somido à trombeta, no momento certo. Por sua sutileza e alta dose de mistura da verdade com o erro, não podemos minimizar a grandeza do perigo que a Nova Era representa. Embora não devamos ir a um outro extremo: o de afirmar que tudo é Nova Era.

MINISTÉRIO: *Qual é a mensagem central da Nova Era?*

PASTOR LIRA: A mensagem central da Nova Era está fundamentada no panteísmo, que, como sabemos, apregoa que Deus está presente em todas as coisas, não como Ser pessoal, mas como energia. Tudo faz parte de Deus, logo tudo é Deus. É o chamado princípio monista, uma unidade não diferenciada. O ser humano seria então uma extensão dessa divindade. O problema desse conceito é que ele leva o ser humano a crer que não precisa de Deus. Ele também é Deus e só precisa estar consciente disso. O homem desvia então seu olhar de Deus, para si mesmo.

MINISTÉRIO: *Na prática, que aspectos da vida humana estão sendo mais afetados pela Nova Era?*

PASTOR LIRA: As pessoas estão sendo levadas a buscarem a solução dos seus problemas em si mesmas. A confiarem em si mesmas, através do chamado desenvolvimento potencial. E aí entra a sedução pela mídia, a pregação falsamente psicológica, visualização, neurolingüística, etc. Há uma superestimulação do potencial humano. Muitas religiões cristãs estão sendo contaminadas por esse veneno, notadamente aquelas que advogam a chamada teologia da prosperidade, segundo a qual o homem pode conseguir tudo o que deseja, bastando para isso, mentalizar e visualizar positivamente. Ele não tem porque ficar doente ou ser pobre. Mas, evidentemente, essa não é a visão cristã de fé. Fé é confiança em Deus, a despeito das circunstâncias. Além disso, também podemos ver o crescimento do espiritismo. Seus ensinamentos estão abertamente veiculados em muitos programas de TV, como novelas e minisséries; personalidades do mundo político, empresarial e artístico pregam o espiritismo. Segundo dados recentes, publicados pela revista *Veja*, existem 25 milhões de espíritas no Brasil.

MINISTÉRIO: *Estaria a Igreja Adventista, de alguma forma, também ameaçada por tais influências?*

PASTOR LIRA: Precisamos estar vigilantes. Não raro, presenciemos uma ênfase exagerada em resultados imediatos, baseada em motivações que não têm o apoio bíblico. Parto do seguinte princípio: a base da verdadeira religião, da religião bíblica, leva o ser humano a olhar para a cruz, para Jesus. Por conseguinte, todo conceito que não esteja centrado na cruz, em Cristo, é falso. Então, seria o caso de nos perguntarmos: quais são os nossos reais motivos? Ou, que motivações procuramos despertar nos membros de nossas igrejas, a fim de envolvê-los no trabalho missionário? Na grande batalha em que estamos envolvidos, precisamos atentar para o fato de que, do outro lado, não existe somente erro, mas erro e verdade misturados. E, às vezes, tentando imitar algo bom, trazemos também um pouco do ruim.

MINISTÉRIO: *Qual é o papel da Nova Era, segundo a visão escatológica adventista?*

PASTOR LIRA: Se prestarmos bem atenção, a Nova Era começou no Éden quando Satanás negou uma afirmativa de Deus e, em seguida, fez uma proposta de clarividência e iluminação: "Não morrereis." Ao contrário disso, "sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal". Chegamos ao final da História, e a mesma proposta reaparece com novas e atraentes roupagens. A Nova Era será um elemento de união de todos os poderes da Terra. E, quando falo de todos os poderes, estou falando mesmo de poderes religiosos, políticos e econômicos. E, com essa união, à luz do Apocalipse, é fácil saber o que ocorrerá.

MINISTÉRIO: *Então a atual globalização econômica tem a ver com a Nova Era?*

PASTOR LIRA: Sim, tem a ver. Tanto é assim que expoentes da globalização, como Alvin Toffler e Peter Drucker, e teólogos como Leonardo Boff, defendem essa união de forças, classificando-a como "uma nova civilização". Ora, o Apocalipse fala da união de três "espíritos imundos" que vão ao encontro dos reis da Terra, que, segundo o Dr. LaRondelle,

teólogo adventista do sétimo dia, não são apenas governantes religiosos, mas também políticos. É justamente isso o que a Nova Era prega: a unificação político-religiosa do mundo. Isso vem apresentado através de vários nomes: globalização, nova ordem mundial, mundialização. Tudo como parte de um cenário que está sendo montado para a última batalha.

MINISTÉRIO: *Há quem associe o progresso da informática à Nova Era. Isso não cheira a alarmismo?*

PASTOR LIRA: Não podemos ser alarmistas. Nem precisamos sê-lo. A informática invadiu a nossa vida e coisas fantásticas podem ser realizadas através do computador, inclusive evangelismo. Mas sem sombra de dúvida, tudo isso já permite uma unificação global. Hoje, através de satélites, infovias, estamos ligados ao mundo. A informática é um instrumento que pode ser usado tanto para o bem, como para o mal; e certamente será um ingrediente que favorecerá o processo. Mas não vamos jogar fora nossos computadores, por causa disso.

MINISTÉRIO: *O que representa maior perigo para a Igreja: a Nova Era ou o institucionalismo?*

PASTOR LIRA: As duas coisas são perigosas. Mas o institucionalismo atravança a marcha da Igreja. É um inimigo, digamos, interno. Contra os inimigos externos, no caso a Nova Era, nós nos precavemos e nos preparamos para enfrentar. Os inimigos internos nos apanham, às vezes, de surpresa. Esse é o grande perigo. O institucionalismo nos torna insensíveis ao valor da pessoa humana, e isso desvirtua a missão. Desconsiderar o valor da pessoa humana, significa contrariar o evangelho. Cristo veio salvar pessoas; não coisas. Levará pessoas para o Céu. No final, os institucionalistas correm o risco de ouvir de Seus lábios a sentença: "Vocês fizeram muitas coisas em Meu nome, mas não vos conheço." Deus nos livre do institucionalismo.

MINISTÉRIO: *Que instrumentos podemos, como pastores, utilizar para proteger a Igreja dessas ameaças?*

PASTOR LIRA: Há os que pensam que a Igreja deve receber um "choque de

modernidade". Logicamente, devemos acompanhar os avanços do mundo, no sentido de contextualizar a nossa pregação e atuação missionária. Mas o de que mais necessitamos, realmente, é de um choque do Espírito Santo. A Igreja necessita ser despertada. Falando dos enganos finais, Ellen White diz que "a Igreja precisa despertar para os poderes sutis dos instrumentos satânicos que importa enfrentar. Firmai os pés na plataforma da verdade eterna da Palavra de Deus." Se a Igreja precisa despertar, então, nós os líderes, temos uma urgente tarefa a fazer. Aliás, ao estudar e falar sobre esses assuntos, posso afirmar que a Igreja tanto necessita como está desejosa de ser orientada. Repito que não devemos ser alarmistas, mas também não podemos ser apáticos e indiferentes. Lembro ainda que essa mensagem deve ser cristocêntrica. Se enfatizarmos apenas o aspecto escatológico, podemos criar pânico.

MINISTÉRIO: *O senhor pretende continuar escrevendo sobre Nova Era?*

PASTOR LIRA: Mais do que nunca. Logicamente, dentro da disponibilidade de tempo que me permitirão as atividades de pastor distrital. Já estão preparados os originais de um novo livro, intitulado *A Nova Era e o Armagedom*.

MINISTÉRIO: *Qual sua mensagem especial para os leitores?*

PASTOR LIRA: Aos colegas redatores, eu gostaria de incentivar a que continuem animados e firmes na execução deste importante trabalho de orientar, instruir, informar e alimentar a Igreja. Procurem ocupar o espaço que lhes cabe na Missão Global. Aos demais pastores e anciãos, que estamos na liderança das igrejas, lembro a necessidade de nos alimentarmos do Pão da Vida, através de intensa comunhão com Deus e Sua Palavra, a fim de que possamos nutrir devidamente o rebanho que nos foi confiado. Disso, não podemos prescindir, sejam quais forem as exigências externas do trabalho. Enfim, pastores, administradores e líderes, em qualquer instância, devemos estar unidos, comunicando-nos de maneira saudável e cristã. As igrejas precisam ser inspiradas também pelo exemplo do nosso relacionamento.

A singularidade da mensagem adventista

ALBERTO R. TIMM

Ph.D., diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White do Brasil e professor de Teologia no Salt-IAE, campus central.

Alguma vez você já pensou a respeito da singularidade da mensagem adventista? O que você consideraria como o componente da mensagem adventista que a distingue do ensino das outras denominações cristãs? Seriam as doutrinas da perpetuidade da Lei de Deus e o sábado, o ministério de Cristo no Santuário Celestial, a segunda vinda de Cristo, a imortalidade condicional da alma, ou o dom profético de Ellen White?

Eu creio, realmente, que nossas doutrinas distintivas contribuem para tornar singular a mensagem adventista. Mas eu não creio que qualquer uma destas doutrinas, ou mesmo todas elas juntas, pode justificar, a contento, a ampla singularidade da mensagem adventista como entendida pelos fundadores do adventismo do sétimo dia.

Antes de prosseguir, permitam-me fazer algumas considerações sobre 1) como os primeiros adventistas do sétimo dia entendiam a singularidade de sua mensagem; 2) como aquela compreensão foi gradativamente sendo alterada através dos anos e 3) como revitalizar a singularidade da mensagem adventista em nosso contexto contemporâneo.

Os pioneiros e a singularidade

Os fundadores do adventismo sabatista não restringiam a singularidade de sua mensagem a uma, duas ou mais doutrinas isoladas. Essa singularidade era reconhecida no todo de seu sistema integrado de doutrinas.

Urias Smith, por exemplo, afirmou em 1858 que “a verdade presente é harmoniosa em todas as suas partes. Seus elos são todos conectados. O inter-relacionamento de todas as suas partes é como o funcionamento de um relógio. Mas quebre um dente, e o funcionamento é interrompido. Quebre um elo, e a corrente é quebrada. Desfaça um ponto da costura, e poderemos descosturar o todo”.

Em 1894, Ellen G. White declarou que “a verdade para este tempo é ampla em seus contornos, de vasto alcance, abrangendo muitas doutrinas; estas, porém, não são unidades destacadas, de pouca significação; são unidas por áureos fios, formando um todo completo, tendo Cristo como o centro vivo”.

Essas declarações destacam o fato de que a singularidade da mensagem adventista do sétimo dia encontra-se no sistema como um todo, formado não apenas por todos os componentes doutrinários do sistema, mas também por todas as conexões entre esses componentes e um “centro vivo”. Em outras palavras, o todo da mensagem adventista do sétimo dia é bem mais amplo do que a simples soma de suas partes.

Em minha tese, intitulada *The Sanctuary and Three Angels Messages, 1844 - 1863: Integrating Factors in the Development of Seventh-day Adventist Doctrines* (O Santuário e as Três Mensagens Angélicas, 1844-1863: Fatores integrativos no Desenvolvimento das Doutrinas Adventistas do Sétimo Dia), procuro mostrar que foram ambos, o santuário de Daniel 8:14 e as três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6 a 12 que ajudaram a integrar os principais componentes doutrinários

do sistema doutrinário adventista do sétimo dia em seus primórdios.

Enquanto que a tipologia do santuário integrou esses componentes teológica e historicamente, as três mensagens angélicas os integraram histórica e teologicamente. A integração teológico-histórica foi causada pelo fato de que a purificação do santuário celestial pós-1844 era teologicamente conectada com quase todos os ensinamentos básicos adventistas sabatistas. A integração histórico-teológica do sistema foi gerada pela incorporação desses ensinamentos na estrutura cronológica provida pela pregação consecutiva das três mensagens angélicas.

Stephen N. Haskell estava correto quando declarou em 1904 que “a verdade veio para nós como um sistema”.

Mudança de foco

Até o início do século XX, autores adventistas do sétimo dia continuaram enfatizando o inter-relacionamento das doutrinas. Essa ênfase, entretanto, foi sendo gradativamente substituída por um foco mais restrito em doutrinas isoladas.

Quatro fatores parecem ter influenciado essa mudança. O primeiro foi a tentativa pós-1888 de tornar cada doutrina adventista mais cristocêntrica. Procurando fazer de Cristo o centro de cada doutrina, os adventistas do sétimo dia gradualmente perderam de vista as funções integrativas, tanto do santuário como das três mensagens angélicas.

Um segundo fator que favorece uma ênfase em doutrinas isoladas, tem sido a influência dos diálogos adventistas do sétimo dia com os evangélicos, os quais iniciaram em meados da década de 50, com Walter Martin e D. G. Barnhouse, e continuaram no ambiente acadêmico mais amplo. Esses diálogos ajudaram os adventistas do sétimo dia a serem melhor compreendidos e aceitos pela comunidade evangélica. Porém, ofuscaram a singularidade geral de sua mensagem.

Além da ênfase cristocêntrica pós-1888 e dos diálogos adventistas com os evangélicos, a compartimentalização do treinamento teológico em especialidades distintas tem produzido uma geração completa de especialistas em algumas doutrinas específicas, que têm se sentido incômodos em lidar com a amplitude de um sistema teológico. Isso tem se tornado um crescente problema, devido à considerável falta de diálogo entre eles.

Uma quarta força anti-sistema vem da

exagerada preocupação, em alguns círculos adventistas, com questões sociais e/ou existenciais contemporâneas. Tais preocupações têm gerado um crescente espírito antidoutrinário, que tem levado a um afastamento ainda maior da compreensão adventista inicial da singularidade da mensagem adventista.

Como resultado, a restrita ênfase em doutrinas isoladas tem levado alguns eruditos adventistas a limitarem a ampla mensagem do santuário à dimensão do juízo pré-advento. Preocupações sócio-existenciais têm influenciado outros eruditos a restringirem o significado do evento de 1844 a uma experiência existencial, não-doutrinária, de fé e coragem.

Ampliando a compreensão

Amudança de ênfase anteriormente mencionada requer uma ampliação de nossa compreensão da singularidade da mensagem adventista. Para enfrentar esse desafio, os adventistas do sétimo dia deveriam, em minha opinião, primeiramente revitalizar a função do santuário e das três mensagens angélicas, como fatores integrativos do sistema doutrinário adventista; em segundo lugar, demonstrar como cada doutrina adventista está organicamente inter-relacionada com os demais componentes doutrinários daquele sistema; e, finalmente, mostrar como o sistema como um todo pode levar-nos a uma compreensão mais bíblica e cristocêntrica da mensagem adventista.

Começando com as profecias messiânicas e a tipologia do santuário encontradas no Antigo Testamento, deveríamos ser capazes de demonstrar como a vida religiosa do antigo Israel e os ensinamentos do antigo Testamento eram conectados com o santuário terrestre. Então, deveríamos explicar como a vida da Igreja cristã e os ensinamentos do Novo Testamento estão diretamente relacionados com o sacrifício de Cristo na cruz e Seu ministério sacerdotal no Santuário Celestial.

Demonstremos, por último, como o sistema doutrinário, integrado pelo santuário atípico, tem sido revitalizado e está sendo proclamado através das três mensagens angélicas.

Eu creio realmente que Deus tem dado à Igreja Adventista do Sétimo Dia uma mensagem singular para o mundo. Possa Deus nos ajudar a proclamar a abrangência dessa mensagem “a cada nação, e tribo, e língua e povo” (Apoc. 14:6).

Livramento prometido

IVANAUDO BARBOSA DE OLIVEIRA

*Secretário da União Sul-Brasileira da Igreja
Adventista do Sétimo Dia.*

Por volta do ano 700 a.C., Ezequias teve sua saúde restaurada e sua vida miraculosamente poupada pelo Senhor (Isa. 38). Logo em seguida àquela cura espetacular, Merodaque Baladã enviou mensageiros a Jerusalém, para fazer uma visita ao proeminente rei de Israel (Isa. 39). Após os embaixadores caldeus haverem deixado a cidade, o profeta Isaías apresentou uma dura e incisiva mensagem a Ezequias, a qual continha uma série de profecias e ameaças feitas ao rebelde povo de Deus, expressas até o capítulo 39.

A partir do capítulo 40, no entanto, o profeta de Deus passa a apresentar as promessas que descrevem a restauração do Seu povo.

Fiel à sua função de interpretar o significado dos movimentos da História das nações, em relação ao propósito de Deus concernente à missão do povo israelita, através dos olhos proféticos, Isaías divisava grandes transições na História dos povos de seu tempo e até um pouco mais além. Ele pôde ver que a Assíria, tão logo tivesse cumprido seu papel de vara corretora para o povo de Deus, começaria a diminuir seu poderio e influência. E Babilônia, até então inexpressiva em poderio bélico militar, começaria a crescer rapidamente. E cresceria tanto que se tornaria um império mundial. E o Senhor permitiria que Babilônia fosse um instrumento de correção à obstinação do Seu povo.

Libertador

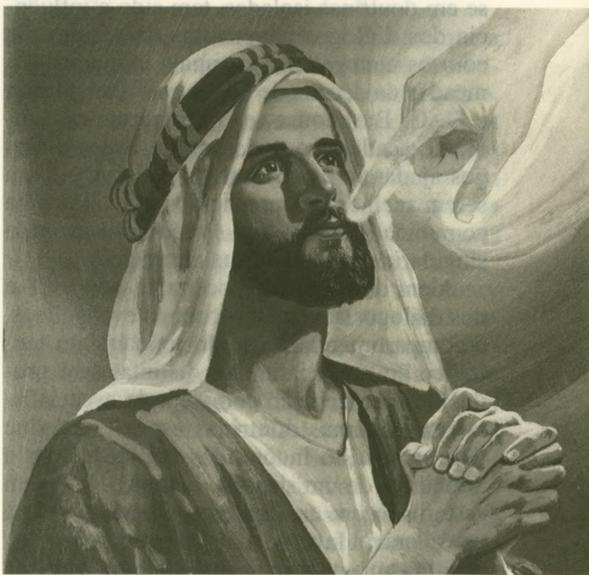
O capítulo 41 do livro de Isaías apresenta uma mensagem de libertação e segurança para o povo de Deus.

Isaías foi levado a contemplar Israel, sob cativo babilônico, recebendo a visita de um libertador que, com poder, força e grandeza o livraria das mãos opressoras. O profeta antecipou a queda de Babi-

lônia, o surgimento e crescimento dos reis da Medo-Pérsia e a grandeza de Ciro, o conquistador de Babilônia e libertador de Israel.

Evidentemente, o chefe do novo império era Ciro, o príncipe de Anã, o pequeno Estado entre Elão e a Pérsia, ao norte de Babilônia, que já demonstrava sua visão e seu poder como estadista. Conquistara a Média em 550 a.C. Venceu Cresos, na Lídia, em 546 a.C. Em 539 a.C., pouco tempo depois da proclamação da mensagem do profeta no capítulo 41, Ciro conquistou Babilônia.

Ciro é apresentado como um conquistador bondoso e como um libertador dos oprimidos. Segundo a História, ele governou manifestando clemência sobre os povos conquistados. Foi ele quem autorizou a volta dos judeus cativos para reconstruir o Templo de Jerusalém (II Crôn. 36:22 e 23; Esdras 1:1 a 8). Isaías fala dele como “pastor de Jeová” (Isa. 44:28), e ainda como o “Ungido do Senhor” (45:1).



Num estudo exegético, a porção de Isaías 41:1 a 10 pode ser dividida em quatro partes: Introdução (verso 1); primeira estrofe (vs. 2 a 4); segunda estrofe (vs. 5 a 7); e terceira estrofe (vs. 8 a 10).

Introdução

Verso 1: *Calai-vos perante Mim, ó ilhas, e os povos renovem as suas forças, cheguem-se e então falem; cheguemo-nos e pleiteemos juntos.*

Aqui Deus é apresentado falando na primeira pessoa. Ele está convocando todas as nações para um encontro no qual é apresentado o significado passado, presente e futuro da História. Embora o local do concílio seja a Terra, Deus é apresentado como o Senhor da História. Ele é quem controla a História. Num convite cuja abrangência vai além do Eufrates e do Nilo – “ó ilhas –, as nações são convocadas para um julgamento, ou a discussão de um assunto cujo desenrolar se encontra nos versos 2 a 4.

Primeira estrofe

Verso 2: *Quem suscitou do Oriente aquele a cujos passos segue a vitória? Quem faz que as nações se lhe submetam, e que ele calque aos pés os reis, e com a sua espada os transforme em pó, e com o seu arco em palha que o vento arrebatá?*

Eis a primeira referência no sentido de que do Oriente surgiria alguém para conquistar a vitória. A figura de Ciro, como conquistador, já é visível no horizonte. Ele vence, derruba e abate nação após nação. A resposta para as indagações do profeta traz implícita a certeza de que o Senhor é o responsável pelos tremendos eventos e pelas conquistas de Ciro. A ênfase não está na figura humana e suas realizações, mas em Quem suscitou o conquistador, e, portanto, deveria receber a glória.

Segundo o *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, vol. IV, pág. 289, “foi Ciro, rei da Pérsia, quem destruiu o império babilônico e libertou os judeus. Deus suscitou a Ciro em justiça, para reconstruir a cidade de Jerusalém e libertar os seus cativos”.

A. R. Crabtree concorda com essa posição. Diz ele: “É muito claro que o profeta reconhece Ciro como instrumento na mão do Senhor para libertar os exilados de Ba-

bilônia. E que ele calque a pés os reis. Com pequena mudança de vocalização, pode ser traduzido que ele subjuga, ou humilha os reis.” (*A Profecia de Isaías*, vol. 2, pág.82).

Versos 3 e 4: Persegue-os e passa adiante em segurança, por uma vereda

que seus pés jamais trilharam. Quem fez e executou tudo isso? Aquele que desde o princípio tem chamado as gerações à existência, Eu, o Senhor, o primeiro, e com os últimos, Eu mesmo.

O assunto é o mesmo do versículo 2, apenas mostrando que Ciro palmilharia em sua conquista caminhos que ele jamais havia percorrido antes. No verso 4, novamente é destacado o fato de que Ciro foi um instrumento nas mãos de Deus para realização de Seus propósitos e de Sua vontade.

Segunda estrofe

Versos 5 a 7: *Os países do mar viram isto e temeram, os fins da terra tremaram, aproximaram-se e vieram. Um ao outro ajudou, e ao seu próximo disse: Sê forte. Assim o artífice anima ao ourives, e o que alisa com o martelo ao que bate na bigorna, dizendo da soldadura: Está bem feita. Então com pregos fixa o ídolo para que não oscile.*

As pessoas, os reis e as nações, quando ouviram que Ciro marchava em direção a eles, suas pernas tremeram, ficaram possuídos de medo. Quando as nações antigas so-

friam derrotas nas guerras antigas, elas julgavam que isso era provocado por causa da fraqueza de seus deuses, em comparação com os deuses fortes dos conquistadores. Nesses versículos, está evidenciada a fraqueza das nações que confiaram em seus deuses, para livramento.

Confusos, os povos se esforçam na produção de imagens mais fortes, mais bonitas e mais preciosas. Cooperam fervorosamente, cada um ajudando o próximo, e dizendo ao irmão: “Sê forte.”

Terceira estrofe

Versos 8 e 9: Mas, tu, ó Israel, servo Meu, tu Jacó, a quem elegi, descendente de Abraão, Meu amigo, tu, a quem tomei das extremidades da Terra e chamei dos seus cantos mais remotos, e a quem disse: Tu és o Meu servo, Eu te escolhi e não te rejeitei.

Na terceira estrofe, nossa atenção é atraída para Israel, o qual é a testemunha de Deus na grande assembléia. O único que poderá testificar sobre o significado dos eventos, porque a ele unicamente foi revelado o segredo. Nos versos 8 a 10, a história da dádiva de Israel é interpretada como tendo sido a obra de Deus. Aqueles que não Lhe pertenciam foram escolhidos para serem Seus servos. A reafirmação das promessas feitas a Abraão era uma certeza para o povo, que logo iria ser levado para o exílio, de que Deus não os abandonaria. E que, mesmo errantes no cativeiro, continuariam sendo servos de Deus se assim o quisessem.

As origens de Israel encontram-se em Abraão e Jacó. As palavras “Meu servo” representam o tema central e dominante nesta parte do livro de Isaias (40 a 66). O servo aqui não significa a figura degradante de um subserviente vulgar e escravizado. Israel possui um elevado *status* diante de todos os povos, no sentido de que foi chamado para realizar um trabalho especial diante deles. Segundo o Comentário Bíblico Adventista, “o chamado de Ciro não anulou o chamado de Israel. Por essa razão, Deus reafirma a promessa e o chamado feitos aos pais”.

A palavra traduzida como servo é *ebed*, que combina a idéia de serviço e adoração. A idéia básica é que o *ebed* não apenas serve a seu mestre, mas também o honra. Longe de ser um serviço prestado por força legal, é um serviço que procede do coração.

“O fato de Ciro ser chamado de servo não anula o chamado de Israel para ser servo, nem sua eleição por Deus. Israel permanece como servo de Deus num sentido especial.” (*Exposition of Isaiah*, pág. 42).

Verso 10: Não temas, porque Eu sou contigo; não te assombres porque Eu sou o teu Deus; Eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a Minha destra fiel.

No início dessa estrofe, Israel ouviu a certeza de seu valor quando Deus disse: “Meu servo, Meu escolhido, Meu amigo”. Agora, num tempo em que o reino do norte tinha sido varrido pelo rei da Assíria, Israel (norte) já não existia, a Assíria era uma ameaça diuturna. E as interrogações, provavelmente surgiam: Seria o restante também atacado? Seriam suficientemente fortes os exércitos, para enfrentar os invencíveis inimigos?

O medo, o temor e o desespero estavam presentes. Aquele povo necessitava urgentemente de uma mensagem de conforto e de esperança. É então que Deus diz: “Eu sou contigo. E isso significava a certeza de que o Senhor estava presente.

Final feliz

O Comentário Bíblico Adventista traça um paralelo entre o livramento do povo de Deus, das garras da Babilônia literal, com o livramento final dos Seus filhos do cativeiro babilônico espiritual. Do mesmo modo como foi feita a promessa de que o Senhor tiraria Seu povo de Babilônia, e os levaria à sua terra, assim também a promessa de libertação do Israel espiritual e sua entrada na Pátria celeste será cumprida.

Ciro era um “homem justo, reto e de caráter íntegro” a quem Deus chamou e qualificou para operar a libertação dos Seus filhos, destruindo Babilônia. Cristo, “justiça nossa”, supremamente reto e íntegro, brevemente Se levantará, vindo do Oriente para libertar Seu povo, cativo sob a opressão de Babilônia espiritual.

Babilônia, Lídia e Egito se uniram para guerrear contra Ciro, mas não prevaleceram. Nos dias finais, a besta, o falso profeta e o espiritismo unirão suas forças para lutar contra Cristo, o grande conquistador, e serão derrotados.

Nas expressões “Eu sou contigo”, “não temas”, encontramos a certeza de que Deus está conosco. Não há nada a temer. A vitória é certa e não tardará.

Como estudar a Bíblia

Comissão de Estudo da Bíblia do Concílio Anual da Associação Geral de 1986.

Durante o Concílio Anual da Associação Geral, de 1986, foi escolhida uma comissão para analisar questões relacionadas com métodos de estudo da Bíblia. Passados dez anos, os princípios e sugestões contidos no relatório apresentado naquela ocasião, continuam válidos e atuais. O que se segue é a íntegra daquele relatório:

Esta declaração é dirigida a todos os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, tanto para não especialistas como para eruditos no estudo da Bíblia, com o propósito de prover orientação sobre como estudá-la.

Os adventistas do sétimo dia reconhecem e apreciam as contribuições dos eruditos da Bíblia que, ao longo dos anos, desenvolveram métodos proveitosos e fidedignos de estudo das Sagradas Escrituras, consistentes com seus ensinamentos e reivindicações. Os adventistas estão prontos a aceitar e seguir as verdades bíblicas, valendo-se de todos os métodos de interpretação que se coadunem com o que as Escrituras dizem de si mesmas. Esses métodos encontram-se esboçados nas pressuposições detalhadas a seguir.

Nas últimas décadas, o método mais destacado no estudo da Bíblia é conhecido como o método crítico-histórico. Os eruditos desse método, como classicamente formulado, operam com base em pressuposições que, sem estudar primeiramente o texto bíblico, rejeitam os relatos confiáveis dos milagres e outros eventos sobrenaturais narrados na Bíblia. Mesmo um uso modificado desse método, que retenha o princípio crítico, subordinando a Bíblia à razão humana, é inaceitável para os adventistas.

O método crítico-histórico minimiza a necessidade de fé em Deus e a obediência aos Seus mandamentos. Além disso, uma vez que tais métodos obliteram o elemento divino da Bíblia como um livro inspirado (incluindo sua resultante unidade) e

depreciam ou discordam da profecia apocalíptica, depreciando a porção escatológica das Escrituras, instamos com os estudiosos adventistas a evitarem o uso de pressuposições e métodos resultantes de deduções associadas com o método crítico-histórico.

Em contraste com isso, cremos representar valiosa ajuda uma declaração de princípios de estudo da Bíblia consentâneos com seus ensinamentos, que preservem sua unidade e se fundamentem na premissa de que ela é a Palavra de Deus. Tal abordagem nos levará a uma experiência satisfatória com Deus.

Origem e autoridade

A Bíblia é a Palavra de Deus e o principal meio primário e autoritativo pelo qual Ele Se revela aos seres humanos. O Espírito Santo inspirou os escritores bíblicos com pensamentos, idéias e informações objetivas. Por sua vez, eles os expressaram em suas próprias palavras. Portanto, as Escrituras são uma indivisível união dos elementos divino e humano, nenhum dos quais deve ser salientado em detrimento do outro (II Ped 1:21; *O Grande Conflito*, págs. 5 e 6).

Toda Escritura é inspirada por Deus e surgiu através da Obra do Espírito Santo. Entretanto, isso não aconteceu numa cadeia contínua de revelações ininterruptas. À medida que o Espírito Santo comunicava a verdade ao escritor bíblico, cada um escrevia segundo era movido pelo Espírito, enfatizando a fase da verdade que era levado a realçar. Por essa razão, o estudioso da Bíblia obterá uma compreensão adequada de qualquer tema através do reconhecimento de que ela é seu melhor intérprete e, quando estudada num todo, retrata uma mensagem consistente e harmoniosa (II Tim. 3:16; Heb. 1:1 e 2; *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, págs. 19 e 20; *O Grande Conflito*, págs. 5 e 6).

Embora tivesse sido dada àqueles que viviam no contexto do Oriente Próximo/Mediterrâneo, a Bíblia transcende a cultura da época para servir como a Palavra de Deus para todos os contextos culturais, raciais e situacionais de todos os tempos.

Os 66 livros do Antigo e Novo Testamentos são a revelação clara e infalível da vontade de Deus e Sua salvação. A Bíblia é a Palavra de Deus e o único padrão pelo qual todos os ensinamentos e experiências devem ser provados (II Tim. 3:15 e 17; Salmo 119:105; Prov. 30:5 e 6; Isa. 8:20; João 17:17; II Tess. 3:14; Heb. 4:12).

As Escrituras são um registro autêntico e confiável da História e dos atos de Deus na História. Elas provêm a interpretação teológica normativa desses atos. Os atos sobrenaturais revelados nas Escrituras são historicamente verdadeiros. Por exemplo, os capítulos 1 a 11 de Gênesis são um relato autêntico de eventos históricos.

A Bíblia não é um livro como os outros. Ela é uma combinação indivisível do divino e do humano. Seu registro de vários detalhes da história secular é essencial ao seu propósito geral de comunicar a história da salvação. Embora, por vezes, possa haver procedimentos paralelos empregados pelos estudiosos da Bíblia para determinar dados históricos, as técnicas comuns de investigação histórica baseadas em pressuposições humanas e focalizadas no elemento humano, são antiquadas para interpretar as Escrituras. Somente um método que reconheça plenamente a natureza indivisível das Escrituras pode evitar uma distorção de seus mensagens.

O intelecto humano está sujeito à Bíblia. Não é igual nem está acima dela. As pressuposições relacionadas com as Escrituras devem estar em harmonia com seus reclamos e sujeitas à sua correção (I Cor. 2:1 a 6). O propósito de Deus é que a razão humana seja usada em toda sua extensão, porém dentro do contexto e sob a autoridade de Sua Palavra, não independente dela.

A revelação de Deus em toda a Natureza, quando devidamente entendida, está em harmonia com a Palavra escrita e deve ser interpretada à luz das Escrituras.

Princípios de abordagem

É o Espírito Santo que capacita o crente a aceitar, compreender e aplicar a BÍ-

blia à sua própria vida, ao buscar ele o poder divino para render obediência a todos os requisitos das Escrituras e a apropriar-se pessoalmente de todas as suas promessas. Somente aqueles que seguem a luz que receberam podem esperar receber futura iluminação do Espírito (João 16:13 e 14; I Cor. 2:10 a 14).

As Escrituras não podem ser corretamente interpretadas sem a ajuda do Espírito Santo, pois é Ele quem capacita o crente a entender e aplicar os ensinamentos escriturísticos. Portanto, todo estudo da Palavra deve ser iniciado com um pedido de orientação e iluminação do Espírito. Todos quantos se aproximam da Bíblia devem fazê-lo com fé, com o espírito humilde de um aprendiz que busca ouvir o que ela diz. Devem estar dispostos a submeter todas as pressuposições, opiniões e conclusões do intelecto ao juízo e correção da Palavra. Com tal atitude, o estudioso da Bíblia chegará à compreensão dos componentes essenciais da salvação independente de qualquer explicação humana, em que pese sua utilidade. A mensagem bíblica torna-se então significativa para essa pessoa.

A investigação das Escrituras deve ser caracterizada por um sincero desejo de descobrir e obedecer à vontade e à Palavra de Deus e não para buscar endosso ou evidência para idéias preconcebidas.

Métodos de estudo

Para se obter um correto aproveitamento do estudo da Bíblia, será necessário obedecer algumas regras, conforme enumeradas em seguida:

Selecione uma versão bíblica que seja fiel ao significado contido nos idiomas em que a Bíblia foi originalmente escrita, dando preferência a traduções feitas por um vasto grupo de eruditos e publicada por uma editora geral, ao contrário das traduções patrocinadas por uma denominação particular ou um grupo com enfoque limitado. Cuide em não basear um ponto doutrinário importante numa versão ou tradução da Bíblia. Os mais eruditos usarão os textos gregos e hebraicos, que os habilitam a examinar também as variantes dos antigos manuscritos bíblicos.

Escolha um plano definido de estudo, evitando abordagens casuais e destituídas

de propósitos. Sugerimos um plano que possa abranger, por exemplo, 1) análise da mensagem de um livro, 2) método de analisar verso por verso, 3) estudo que busque uma solução bíblica para um problema existencial específico, satisfação bíblica para uma necessidade específica, ou resposta bíblica para uma questão específica; 4) estudo de temas, 5) estudo de palavras, 6) estudo biográfico.

Procure compreender o significado simples e mais óbvio da passagem bíblica estudada. Busque descobrir os importantes temas fundamentais das Escrituras, como encontrados em textos individuais, passagens e livros. Dois temas básicos afins estão presentes ao longo das Escrituras: A pessoa e obra de Jesus Cristo; e a perspectiva do grande conflito envolvendo a autoridade da Palavra de Deus, a queda do homem, o primeiro e o segundo adventos de Jesus, Deus e Sua lei, a restauração do plano divino para o Universo. Esses temas devem ser extraídos da totalidade das Escrituras e não impostos sobre ela.

Reconheça que a Bíblia é sua própria intérprete e que o significado das palavras, textos e passagens é melhor determinado pela comparação diligente da Escritura com a Escritura. Estude o contexto da passagem sob consideração, relacionando-o com as sentenças e parágrafos imediatamente precedentes e os que se seguem. Busque relacionar as idéias das passagens com a linha de pensamento do livro bíblico em sua totalidade.

Tanto quanto possível, verifique as circunstâncias históricas de quando a passagem foi escrita pelos autores bíblicos, sob a orientação do Espírito Santo. Determine o tipo de literatura que o autor está usando. Alguns materiais bíblicos são formados de parábolas, provérbios, alegorias, salmos e profecias apocalípticas. Sendo que muitos escritores bíblicos apresentaram muito de seu material em poesia, será proveitoso o uso de uma versão bíblica que apresente esse material em estilo poético, pois passagens que usam figuras de linguagem não devem ser interpretadas da mesma forma que a prosa.

Reconheça que um texto bíblico pode não se harmonizar em cada detalhe às categorias literárias atuais. Tenha cuidado em não forçar essas categorias de interpretação do significado do texto bíblico. É uma ten-

dência humana encontrar o que se está buscando, mesmo que a intenção do autor tenha sido outra. Observe a gramática e a construção da sentença a fim de descobrir o propósito do autor. Estude as palavras-chaves da passagem, comparando sua utilização em outras partes da Bíblia, valendo-se de uma concordância e da ajuda de léxicos e dicionários bíblicos.

Em conexão com o estudo do texto bíblico, explore os fatores históricos e culturais. A arqueologia, a antropologia e a história podem contribuir para a compreensão do significado do texto. Os adventistas acreditam que Deus inspirou a Ellen White. Portanto, suas exposições sobre qualquer passagem bíblica oferecem um guia inspirado para a compreensão dos textos, sem esgotar seu significado ou tornar desnecessária a tarefa da exegese (ver *Evangelismo*, pág. 256; *O Grande Conflito*, págs. 193 e 195; *Testemunhos Seletos*, vol. 2, págs. 280, 292, 312 e 313; *Counsels to Writers and Editors*, págs. 33 a 35).

Depois de fazer o estudo como delineado anteriormente, busque vários comentários e ajudas secundárias tais como obras eruditas, para ver como outros lidaram com a passagem. Avalie, então, cuidadosamente os diferentes pontos de vista expressados da perspectiva das Escrituras como um todo.

Ao interpretar as profecias, tenha em mente que 1) a Bíblia reclama o poder de Deus para predizer o futuro (Isa. 46:10). 2) As profecias têm um propósito moral. Não foram escritas meramente para satisfazer a curiosidade acerca do futuro. Alguns dos propósitos das profecias são: fortalecer a fé (João 14:29) e promover santidade de vida e preparo para o Advento (Mat. 24:44; Apoc. 22:7, 10 e 11). 3) O foco de muitas profecias é Cristo, a Igreja e o tempo do fim. 4) As normas para a interpretação de profecias encontram-se na própria Bíblia. A Bíblia marca as profecias de tempo e seu cumprimento histórico. O Novo Testamento cita cumprimentos específicos de profecias do Antigo Testamento acerca do Messias, e o próprio Antigo Testamento apresenta indivíduos e acontecimentos como tipos do Messias. 5) A aplicação, no Novo Testamento, de alguns nomes literais do antigo Testamento torna-se espiritual, como, por exemplo, Israel representa a Igreja; Babilônia, a religião apostatada, etc. 6) Existem dois tipos gerais de literatura profética: as

profecias não-apocalípticas, como encontradas em Isaías e Jeremias, e as profecias apocalípticas, como encontradas em Daniel e no Apocalipse. Esses diferentes tipos têm características distintas.

Profecias não-apocalípticas dizem respeito ao povo de Deus; profecias apocalípticas são mais universais em escopo. Profecias não-apocalípticas são, muitas vezes, de natureza condicional, estabelecendo para o povo de Deus as alternativas de bênçãos para a obediência e de castigo para a desobediência; as apocalípticas enfatizam a soberania de Deus e Seu controle sobre a História.

Profecias não-apocalípticas frequentemente saltam de uma crise local para o dia final do Senhor; profecias apocalípticas apresentam o curso da História desde o tempo do profeta até o fim do mundo. Nas profecias não-apocalípticas, as profecias de tempo são geralmente longas, como, por exemplo, os 400 anos de escravidão de Israel (Gên. 15:13) e os 70 anos de cativeiro babilônico (Jer. 25:12). As profecias de tempo, no contexto das apocalípticas, são geralmente enunciadas em termos curtos, como dez dias (Apoc. 2:10) ou 42 meses (Apoc. 13:5). Os períodos de tempo apocalípticos simbolizam períodos mais longos de tempo real.

7) Profecias apocalípticas são altamente simbólicas e devem ser interpretadas de acordo. Na interpretação de símbolos, os seguintes cuidados são extremamente úteis: Procure interpretações (explícitas ou implícitas) dentro da própria passagem. Por exemplo, Daniel 8:20 e 21; Apoc. 1:20. Procure interpretações em outras partes do livro ou em outros escritos do mesmo autor. Valendo-se de uma concordância, estude o uso dos símbolos em outras partes das Escrituras. Um estudo dos documentos do antigo Oriente Próximo pode aclarar o significado dos símbolos, embora o uso escriturístico pode alterar tal significado.

8) A estrutura literária de um livro, muitas vezes, contribui para sua interpretação. A natureza paralela das profecias de Daniel é um exemplo disso.

Relatos paralelos nas Escrituras apresentam algumas vezes diferenças em detalhes e ênfase (comparar Mat. 21:33 e 34; Mar. 12:1 a 11; e Luc. 20:9 a 18; ou II Reis 18 a 20 e II Crôn. 32). Ao estudar tais passagens,

primeiro examine-as cuidadosamente para estar seguro de que os relatos paralelos realmente se referem ao mesmo evento histórico. Muitas das parábolas de Jesus podem ter sido ditas em diferentes ocasiões, a diferentes auditórios e com palavras diferentes.

Em casos onde parece haver diferenças em relatos paralelos, deve-se reconhecer que a mensagem total da Bíblia é a síntese do todo de suas partes. Cada livro ou autor comunica aquilo que o Espírito lhe indicou que escrevesse. Cada um faz sua própria contribuição especial para o enriquecimento, diversidade e variedade das Escrituras (*O Grande Conflito*, págs. 5 e 6). O leitor deve permitir que cada escritor bíblico surja e seja ouvido, ao passo que simultaneamente reconhece a unidade básica da auto-revelação divina.

Quando passagens paralelas parecem indicar discrepância ou contradição, procure a harmonia fundamental. Tenha em mente que as diferenças podem ter sua origem em pequenos erros dos copistas (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 16), ou podem ser o resultado de diferentes ênfases e escolha de material de variados autores, que escreveram para diferentes audiências, sob diferentes circunstâncias (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, págs. 21 e 22; *O Grande Conflito*, pág. 6).

É possível não se conseguir conciliar pequenas diferenças em detalhes que sejam irrelevantes à mensagem principal e clara da passagem. Em alguns casos, o escrutínio terá que ser interrompido até que mais informações e melhores evidências estejam disponíveis para resolver uma aparente discrepância.

As Escrituras foram escritas com o propósito prático de revelar a vontade de Deus à família humana. Entretanto, a fim de não interpretar mal certas declarações, é importante considerar que elas foram dirigidas a pessoas de cultura oriental e expressas em sua forma de pensamento. Expressões tais como “o Senhor endureceu o coração de Faraó” (Êxo. 9:12), ou “um espírito maligno, enviado de Deus” (I Sam. 16:15), os Salmos imprecatórios, ou os três dias e três noites de Jonas, comparados com a Morte de Cristo (Mat. 12:40), comumente são malcompreendidos por serem interpretados hoje de um ponto de vista diferente.

Um conhecimento prévio da cultura do Oriente Próximo é indispensável para se

compreender tais expressões. Por exemplo, a cultura hebraica atribui a um indivíduo a responsabilidade por atos que ele não cometeu, mas permitiu que ocorressem. Por essa razão, os escritores da Bíblia comumente creditavam a Deus o que no pensamento ocidental Ele permite ou não evita que aconteça.

Outro aspecto das Escrituras que confunde a mente moderna é a ordem divina a Israel para empenhar-se em guerra e destruir nações inteiras. Israel era originalmente organizado como uma teocracia, um governo civil através do qual Deus governava diretamente (Gên 18:25). Tal Estado teocrático era peculiar. Já não mais existe e não pode ser considerado como um modelo direto para a prática cristã.

As Escrituras registram experiências e declarações de pessoas que Deus aceitou mas que não estavam em harmonia com os princípios espirituais da Bíblia como um todo; como por exemplo, incidentes relacionados com uso de álcool, poligamia, divórcio e escravidão. Embora a condenação de tais costumes sociais arraigados não esteja explícita, Deus não endossou ou aprovou necessariamente tudo o que ele permitiu e tolerou na vida dos patriarcas e em Israel. Jesus tornou isto claro em Sua declaração sobre o divórcio (Mat. 19:4 a 6 e 8).

O espírito das Escrituras é de restauração. Deus opera pacientemente para levantar a humanidade caída, das profundezas do pecado para o ideal divino. Conseqüentemente, não precisamos aceitar, como padrão, os atos de homens pecadores registrados na Bíblia. A Bíblia representa o desenrolar da revelação de Deus ao homem. O Sermão da Montanha, por exemplo, amplia e expande certos conceitos do Antigo Testamento. O próprio Cristo é a revelação última do caráter de Deus para a humanidade (Heb. 1:1 a 3).

Embora exista uma abarcante unidade na Bíblia, desde o Gênesis até o Apocalipse, e ainda que toda a Escritura seja igualmente inspirada, Deus escolheu revelar-Se ao homem através de pessoas humanas e encontrá-las onde estavam em termos de dons espirituais e intelectuais. Deus não muda, porém Ele progressivamente desdobra Sua revelação aos homens, à medida que estejam capacitados para compreendê-la (João 16:12; *SDABC*, vol. 7, pág. 945; *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 21). Toda a experiência ou declaração das Escrituras é

um registro divinamente inspirado, mas nem toda declaração ou experiência é necessariamente normativa para o comportamento cristão de hoje. Tanto o espírito como a letra da Escritura devem ser compreendidos (1 Cor. 10:6 a 13; *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 150; *Testemunhos Seletos*, vol. 1, págs. 436 a 438).

Como objetivo final, faça a aplicação do texto. Formule perguntas tais como: "Qual é a mensagem e o propósito que Deus pretende transmitir através das Escrituras?" "Que significado tem este texto para mim?" "Como isto se aplica à minha situação e circunstância hoje?" Reconheça que embora muitas passagens bíblicas tiveram um significado local, elas contêm princípios universais aplicáveis a todas as eras e culturas.

União divino-humana

Ellen White declara: "A Escritura Sagrada, com suas divinas verdades, expressas em linguagem de homens, apresenta uma união do divino com o humano. União semelhante existiu na natureza de Cristo, que era Filho de Deus e Filho do homem. Assim é verdade com relação à Escritura, como foi em relação a Cristo, que 'o Verbo Se fez carne e habitou entre nós.' (João 1:14)." – *O Grande Conflito*, pág. 8.

Da mesma maneira como é impossível aos que não aceitam a divindade de Cristo compreender o propósito de Sua encarnação, é também impossível para aqueles que vêm a Bíblia meramente como um livro humano compreender sua mensagem, apesar de Seus métodos cuidadosos e rigorosos.

Mesmo eruditos cristãos que aceitam a natureza divino-humana da Escritura, mas cuja abordagem metodológica os leva a demorar-se grandemente em seus aspectos humanos, correm o risco de esvaziar a mensagem bíblica do seu poder, relegando-a a um segundo plano, enquanto se concentram no meio. Esquecem-se que o meio e a mensagem são inseparáveis e que o meio sem a mensagem é como uma concha vazia que não pode atender às necessidades espirituais da humanidade.

Um cristão consagrado usará apenas os métodos capazes de fazer total justiça à dupla, a inseparável natureza das Escrituras, aumentando sua capacidade de entender e aplicar a sua mensagem, e de fortalecer sua fé.

Evangelismo eletrônico

JACK LANGE

Pastor em New South Wales, Austrália



Em nossa época de alta tecnologia, o uso de equipamento audiovisual é um recurso muito útil para o sucesso do evangelismo. Milhares de famílias que não são suficientemente motivadas para assistir a uma série evangelística, ao vivo, podem ver a mesma coisa em seus lares. O vídeo pode estimular o apetite pela verdade, em alguém que antes não o possuía. Isso representa uma abertura sem precedentes para o evangelismo.

Tal como outras formas de testemunhar, o evangelismo através de vídeo pode requerer algum investimento. Não se trata apenas de uma forma atraente e fácil de apresentar mensagens duras ou estudos bí-

blicos. Na verdade, em muitos casos, o evangelismo eletrônico é uma ponte entre o primeiro contato e o estudo bíblico. Se nossa tarefa de evangelizar depender somente dos métodos da mídia, os resultados podem ser inexpressivos.

Evangelismo de vídeo promete um alto retorno ao investimento de tempo feito pelo pastor. Eu posso estudar a Bíblia apenas com um número limitado de pessoas, mas posso enviar fitas de vídeo para muitas outras, contando ainda com a ajuda dos leigos no acompanhamento desses casos. Por exemplo, coloquei um pequeno anúncio em um jornal, oferecendo a série *Dimensões da*

Profecia, em vídeo. Foram gastos 40 dólares e recebi 13 pedidos. Dessa forma, várias famílias assistiram à série inteira e se tornaram interessadas na mensagem. Além disso, foi muito importante para alguns membros a feliz oportunidade de envolvimento, ao visitarem os interessados.

Numa geração acostumada ao entretenimento sensacionalista, qualquer coisa mais que surpreendente chama a atenção. Alguns de nossos trabalhos em vídeo têm essa capacidade. Eles são produzidos profissionalmente, dotados de efeitos especiais para segurar o espectador. Em minha experiência, descobri que, sob a influência do Espírito Santo, a curiosidade casual frequentemente se transforma em real desejo de ver toda a série de estudos.

Cunha de penetração

Em se tratando de uma sociedade materialística e secular, como é a nossa nos dias atuais, poucas pessoas aceitarão o oferecimento de um estudo bíblico sem um amaciante prévio, especialmente se você for um desconhecido. Entretanto, a experiência tem mostrado que mais de 50% das pessoas, mesmo sendo abordadas por um estranho, aceitam a mensagem do vídeo após um contato casual.

Recentemente, ao estabelecer residência em um novo local de trabalho, tive a alegria de ver um médico, um empresário do ramo automobilístico, o meu mecânico, um advogado e alguns funcionários públicos aceitarem meu convite para assistir à série profética em vídeo. E o fizeram até o final. E mais: emprestaram as fitas a familiares e colegas de trabalho ou profissão.

Posso afirmar que aproximadamente 15% daquelas pessoas que aceitam ver a primeira fita são batizadas. Imagine o que poderia acontecer se um grupo bem treinado de leigos aceitasse empregar este método de trabalho, juntamente com as técnicas básicas de evangelização.

Suponhamos que membros devidamente treinados enviem fitas de videocassete a 100 lares, e 200 espectadores vejam a primeira fita. Desses, aproximadamente 50 terão interesse em acompanhar a série inteira. Pelo menos 15 pessoas finalmente se unirão a Cristo e Sua Igreja. Mesmo que os leigos envolvidos no trabalho sejam inexperientes e levem poucas pessoas, ou nenhuma, ao ba-

tismo, não será difícil enviá-las a um Seminário do Apocalipse, que, seguramente, deixará um bom número em ponto de batismo.

Houve o caso de uma pequena igreja, na conservadora Nova Zelândia, com poucos membros dedicados ao trabalho. Todavia, eles conseguiram cinco jogos das fitas *Dimensões da Profecia*, de Kenneth Cox, e três aparelhos de videocassete. A utilização constante desse material contribuiu bastante para o batismo de muitas pessoas, em poucos meses, enquanto outras ainda estão sendo visitadas. Estudos em fitas de vídeo possuem também a habilidade de consolidar o ensinamento. Costumo deixar com as famílias às quais dou estudos bíblicos, uma fita sobre o assunto estudado a fim de que possam recapitulá-lo posteriormente.

Como estabelecer o programa

1. Escolher a série. O melhor é que seja conseguida uma gravação original. Cópias são ilegais e, geralmente, de má qualidade. Além disso, dificulta a produção de novos trabalhos, por falta de meios.

2. Recrutar pessoas. Não espere que um anúncio ou promoção, feitos durante o serviço de culto sábado pela manhã convença os membros a sair. A melhor aproximação é aliar à promoção geral o contato pessoal com alguns irmãos entusiastas, e tomá-los consigo individualmente. Depois de realizarem algumas visitas com você, eles adquirirão suficiente confiança para fazer o trabalho sozinhos. Tampouco espere que os espectadores assistam toda a série e imediatamente tomem uma decisão. Não é assim. A decisão deve ser conseguida numa estratégia paulatina, durante o processo. Para isso, será necessário ganhar confiança e desenvolver amizade.

3. Seguir a seqüência. Normalmente as fitas devem ser utilizadas em sua seqüência original. Entretanto, pode haver exceções. Certa vez, encontrei um homem abatido numa garagem, a quem cumprimentei e perguntei como estava. Ele respondeu: "Não vou bem; tenho um câncer no pulmão." Logo pensei em oferecer-lhe uma fita que continha uma mensagem sobre o Céu, embora essa fosse a quarta da série. Depois de assistir à fita, com a esperança renovada, ele quis ver toda a série, começando da primeira. A estratégia eficaz para levar pessoas à decisão deve ser construída numa seqüência,

levando-se em conta cada doutrina apresentada. Qualquer desvio disso reduz o impacto. Por essa razão é melhor não se discutir um assunto sem que o interessado tenha visto o vídeo correspondente.

4. Fazer contatos. Fitas de vídeo com material religioso podem ser oferecidas a qualquer pessoa – amigos ou aqueles indivíduos com os quais nos encontramos durante o dia, na rua, em viagem, em repartições públicas –, mesmo depois de um rápido contato. Simplesmente diga-lhe que você tem uma fita muito boa sobre profecias ou qualquer outro assunto da Bíblia, e lhe ofereça emprestada por uma semana. Inicialmente, não fale da série toda, para não despertar certo desencorajamento com a idéia de um compromisso longo. Estabeleça um tempo para uso da fita e não extrapole esse período. Do contrário, a demora poderá enfraquecer as convicções sobre a verdade, ou a pessoa se tornará um espectador casual, não sabendo quando você vai chegar.

No segundo contato, pergunte-lhe sobre o que achou da fita. Se a resposta for positiva, ofereça a próxima, descrevendo brevemente o tema. Se por acaso a primeira fita ainda não tiver sido vista, dê-lhe uma nova oportunidade. Depois de algumas visitas, quando a outra pessoa demonstrar sentir-se à vontade com sua presença, é uma boa idéia assistirem juntos ao vídeo, particularmente durante os temas de decisão, a fim de que possa encorajá-la enquanto a verdade está fresquinha no coração.

Durante as primeiras visitas, não entre em qualquer discussão mais profunda, sobre qualquer assunto, a não ser que o interessado induza a isso. Deixe o Espírito Santo despertar o interesse. Entretanto, é importante conseguir alguma resposta em cada visita, sem dar a impressão de que você a esteja suscitando. A idéia é fazer o interessado falar sobre o que viu. Suas reações positivas aprofundarão suas convicções e prepararão para tomar decisões vitais. Ouvi-lo falar também é oportuno para que você se certifique de como ele se sente diante do que assistiu, e do grau de interesse que possui.

5. Levar à decisão. Uma boa série em vídeo mostrará a salvação em Jesus, antes das doutrinas distintas serem apresentadas. As pessoas necessitam dar a Cristo o coração antes de testemunhar verdades tais como o sábado e o dízimo. É somente quando o

evangelho é apresentado a partir de diferentes ângulos, e o Salvador é levantado, que os corações são atraídos a Ele. Espere até que as pessoas tenham pelo menos expressado algum desejo de aceitar a Cristo em algumas ocasiões, antes de chamá-las a tomar uma decisão pessoal.

Somos relutantes em fazer apelos porque sentimos ser isso arriscado, ou pensamos que seremos tidos como muito inconvenientes. Todavia, apelar para uma decisão é parte essencial da tarefa evangelística. “Quando as pessoas que estão sob convicção não são chamadas a fazer uma decisão o mais breve possível, há o perigo de que essa convicção gradualmente esmoreça”, diz Ellen White.

As decisões ao lado de Cristo são tomadas num misto de emoção e razão. Usualmente as pessoas não respondem a uma pessoa a quem não conhecem ou em quem não confiam o bastante. Portanto, é importante construir uma amizade natural com elas.

6. Mostrar a verdade. Se, por exemplo, você apresenta o sábado a alguém que não aceitou a Cristo, essa pessoa será levada a vê-lo como um fardo a ser rejeitado, ou será levada a guardá-lo legalisticamente. O sábado tem uma grande relevância apenas para as pessoas que aceitaram a Cristo como Salvador e Senhor. Melhor que apelar diretamente para a guarda do sábado, é perguntar diplomaticamente se o interessado teria algum problema em colocar isso em prática. Para qualquer dificuldade que for expressa devem ser apresentadas sugestões de resolução. Se não for mencionado nenhum problema, é sinal de que as portas estão abertas. Encourage-o a tomar a decisão.

7. Consolidar a decisão. Como qualquer série evangelística em vídeo, o melhor momento para convidar o interessado a unir-se à Igreja, se já não declarou antes essa intenção, é depois de ele ter feito decisões a respeito das principais verdades distintivas como o evangelho, o sábado, princípios de saúde, etc. Tornar-se membro da Igreja é apenas uma extensão do caminho que eles já escolheram trilhar.

A estratégia para levar pessoas a Cristo, apresentada aqui, não é exclusiva do trabalho evangelístico através de vídeo. Os princípios se aplicam a todas as alternativas missionárias. Entretanto, aplicados ao profissionalismo dos vídeos modernos, formam uma combinação irresistível.

Cristianismo ao vivo

JEDIEL UNGLAUB

Pastor do distrito de Conchal, SP.

Vivemos num mundo que se caracteriza pela insensibilidade, e onde a proposta individualista alcançou quase todos os setores da vida moderna. O sentimento de indiferença é tão natural, que a visão do sofrimento alheio praticamente não comove ninguém.

O egocentrismo, levado às últimas consequências, tem influenciado negativamente a sociedade contemporânea. E, lamentavelmente, a igreja não ficou imune. A lei do "cada um por si" deixou suas marcas na comunidade de Deus.

Em seu livro intitulado Igreja, Lugar de Vida, o Pastor Naamã Mendes relata um curioso incidente, revelador da atual realidade cristã: "Certa vez, assisti a um culto numa igreja da cidade de São Paulo. Casa cheia, auditório com mais de mil pessoas. Culto solene, com coral e um grande pregador. Na metade do sermão, levantou-se um homem maltrapilho, no meio do auditório, interrompeu o sermão e gritou: 'Mas eu estou com fome!' Estabeleceu-se uma correria. Os diáconos se aproximaram e tentaram convencer o homem a sentar-se e fazer silêncio. Fazer silêncio ele fez; sentar-se, não. Criou-se um incômodo terrível. Aquele homem em pé no meio do templo, entre os bancos, os diáconos querendo tirá-lo dali. Finalmente, alguém mencionou a possibilidade de lhe dar um prato de comida. Então, o homem começou a se retirar, mas antes deixou no ar o seu protesto: 'Se eu não tivesse gritado, não ia comer nada!'"

A narrativa é tragicômica, mas expressa a insensibilidade prevalecente. Promovemos reuniões impessoais, supervalorizamos o institucionalismo, e, assim, traduzimos a falta de comprometimento com o próximo. Pregamos o amor e a misericórdia, de maneira teórica, mas esquecemos de vivê-los no dia-a-dia.

Dessa forma, não podemos esperar muito mesmo dos membros, que pouco conhecimento acabam tendo dos problemas, das dificuldades e ansiedades dos outros ir-

mãos que freqüentam a mesma igreja. Apesar de estarem sentados lado a lado, sábado a sábado, sequer notam ao seu redor. Não conversam, e, às vezes, nem sabem o nome do outro. Pouco se preocupam com o semelhante, pois estão mais preocupados consigo mesmos.

O exemplo de Jesus

Misericórdia é a expressão dos ensinamentos de Cristo em relação ao nosso próximo. "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo", disse Ele em Mateus 22:39. Suas palavras e atos exprimiram o amor e a misericórdia que sentia em relação à humanidade pecadora. Ele Se identificava com a dor e a miséria das multidões que O procuravam, sem esquecer as necessidades individuais. Vendo a tristeza e a dor da viúva que perdera o filho, em Naim, compadeceu-Se dela e ressuscitou seu filho querido (Lucas 7:13 e 14).

Certamente, o clímax da demonstração de amor e misericórdia por Suas criaturas foi o ato de dar-Se a Si mesmo para seu resgate.

Um dos episódios mais evidentes da misericórdia divina ocorreu na cura do paralítico, ao lado do Tanque de Betesda (João 5:1 a 12), para onde acorriam multidões de enfermos, cegos, coxos e paralíticos, na esperança de um milagre. Acreditava-se que um anjo agitava as águas, outorgando-lhes poder curativo. Alguns passavam dias, deitados no chão, esperando a vez de serem beneficiados pelo milagre.

Jesus, num sábado, caminhava por Jerusalém. Ao aproximar-Se do tanque, contemplou a miséria e o sofrimento que envolviam a multidão. No dizer de Ellen White, "ansiou exercer Seu poder restaurador, e curar cada um daqueles enfermos". No meio da multidão, o Mestre percebeu um homem que carregava, talvez mais que os outros, o peso da dor e do sofrimento. Era um paralítico, durante 38 anos, que ali se encontrava só, sem amigos, sentindo-se excluído da miseri-

córdia divina. "O Salvador viu um caso de suprema miséria."

"Queres ficar são?", foi a pergunta dirigida ao enfermo, pelo próprio Cristo. Talvez parecesse uma pergunta ilógica, mas é reveladora do interesse pelo semelhante. É a demonstração da empatia em relação ao sofredor. Às vezes, aparentemente tememos perguntar, pois se a resposta for um pedido de ajuda, não nos agrada muito o fato de nos comprometermos. Jesus simplesmente ordenou, em seguida à resposta do paraplégico, "Levanta-te, toma o teu leito e anda." E o homem imediatamente obedeceu.

Restabelecido, apressado e com passo firme, ia o recém-curado louvando a Deus e regozijando-se pelo milagre operado. Foi então que encontrou-se com os líderes fariseus, e contou-lhes a novidade. Eis como Ellen White descreve a reação fria e insensível daqueles líderes da igreja: "De sobrolho carregado, interromperam-no, perguntando-lhe por que estava conduzindo seu leito no sábado. Lembraram-lhe severamente que não era lícito conduzir fardos no dia do Senhor. Em sua alegria, o homem esquecera-se de que era sábado; todavia não sentiu nenhuma condenação por obedecer ao mandato de uma Pessoa que tinha poder de Deus." (O Desejado de Todas as Nações, pág. 181).

Não seja o caso de nos igualarmos a esses líderes, no julgamento de uma pessoa, seus sentimentos e necessidades.

Casa de misericórdia

De acordo com o Pastor Naamã Mendes, em seu livro anteriormente mencionado, a palavra Betesda significa "casa de misericórdia", na língua hebraica. É isso exatamente o que a igreja deve ser. Nossas igrejas, segundo o conselho divino contido na Bíblia, deveriam se tornar locais onde a misericórdia é exercitada. Elas estão repletas de enfermos físicos, espirituais e emocionais que necessitam de atenção e amoroso cuidado.

Podemos ter uma sólida estrutura eclesial, cultuar em templos confortáveis, propagar nossos feitos missionários, promover uma imagem positiva na comunidade, mas precisamos ser uma "casa de misericórdia".

Às margens do Tanque de Betesda, cada um parecia cuidar de si (João 5:7), o que impedia o exercício da compaixão e do interesse pelo outro. Da mesma forma, corremos o perigo de ser contagiados pelo egoís-

mo, sendo levados a ver a mutilação física, espiritual e emocional de nossos irmãos, como se fossem apenas manifestações normais da desgraça generalizada dos nossos dias. Sem nos comovermos.

Um modelo bíblico, também digno de imitação, é Neemias. Quando soube da triste situação de miséria e abandono em que se encontravam os seus irmãos em Jerusalém, os que escaparam do exílio, sem casa, muros quebrados, portas queimadas, Neemias demonstrou sua misericórdia sensível: "Tendo eu ouvido estas palavras, assentei-me e chorei, e lamentei por alguns dias; e estive jejuando e orando perante o Deus dos Céus." (Neemias 1:4).

Precisamos, como Igreja, tirar a máscara do superficialismo, extirpar a mesquinhez, e exercer a misericórdia de modo mais palpável. Precisamos aprender de Cristo o que significa ser misericordioso.

Nossa responsabilidade

Necessitamos conscientizar-nos de que somos representantes de Cristo, no mundo, e temos a incumbência de mostrar-lhe o verdadeiro significado do evangelho: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo, como a nós mesmos.

Ao visitar alguém nossas igrejas, deveríamos estar atentos para descobrir suas necessidades, criando uma atmosfera de tal modo acolhedora, que esse visitante reconheça ter estado realmente numa "casa de misericórdia".

Segundo as possibilidades, deveríamos prover aos necessitados o pão material, a amizade, o pão espiritual, e o auxílio de que carecem para resolução de seus problemas. Deus nos dá a oportunidade de representá-Lo na Terra. Ele deseja que desenvolvamos um caráter semelhante ao Seu próprio caráter: "É para proporcionar essas oportunidades que Deus colocou entre nós os pobres, os desafortunados, os doentes e os sofredores. Ao colocar os pobres e sofredores entre nós, o Senhor está nos provando a fim de revelar-nos o que está em nosso coração. Não podemos, sem incorrer em risco, esquivar-nos aos princípios, não podemos violar a justiça, não podemos negligenciar a misericórdia. Ao vermos um irmão em decadência, não devemos passar de largo, mas fazer decididos e imediatos esforços para cumprir a Palavra de Deus, ajudando-o."

O que é sucesso pastoral

STEVE WILLSEY

*Pastor associado da Igreja Adventista do Sétimo
Dia de Spencerville, Maryland, EUA.*

Quando eu resolvi deixar a função de pastor titular de uma igreja para tornar-me pastor associado de uma outra, meus amigos pensaram que eu estava comprometendo seriamente minha carreira. A decisão foi de caráter estritamente pessoal; e deveria ter sido tomada, pelo menos poucos anos atrás. Minha vida e interesses mudaram bastante. Eu agora tenho uma boa idéia de quem eu realmente era, e como poderia ter usado melhor os talentos que Deus me deu.

A história de como a ambição egoísta dirigiu minhas atitudes, certamente deveria chocar muitos membros que acreditam que seus pastores trabalham induzidos pelos mais puros motivos. Eu espero que minha história seja única.

Desde muito cedo na vida, eu estabeleci minha idéia sobre como conseguir sucesso. Para mim, isso significava que deveria tornar-me um líder altamente respeitado e bem recompensado. Como adolescente, eu me surpreendia sonhando em ser presidente dos Estados Unidos. Quando deixei o seminário, meus alvos mudaram, adaptando-se às novas atividades, mas eu ainda tencionava subir mais e mais na escala hierárquica da Igreja.

No devido tempo, eu esperava tornar-me pastor de uma igreja expressiva e, dessa posição, ser catapultado para os escritórios da Associação, como departamental, e depois seria o presidente. Secretamente, alimentava a excêntrica esperança de ser presidente da Associação Geral, como coroação da minha carreira. Segundo eu imaginava, para chegar lá bastava ter cumpridos certos requerimentos, como por exemplo: alcançar números recordes de batismos, ultrapassar os alvos anuais

de recolta e ser reconhecido como um pastor leal à Obra e aos colegas, criativo e inovador.

Sucesso e status

O primeiro passo na direção de executar e cumprir o projeto, foi dado um ano depois de ter saído do seminário. Aceitei um chamado para servir como secretário-ecônomo de um Campo missionário. Passados cinco anos, enquanto desfrutava o período de férias especiais, fui eleito presidente da Missão. Fiquei feliz e comeci a planejar as inovações que deveria introduzir tendo em vista forçar o crescimento do Campo e ganhar o respeito que eu ambicionava.

Mas meu excitamento teve curta duração. O país foi emancipado e o governo recém-instalado, de ideologia marxista, não apreciou o fato de que os adventistas tivessem indicado um estrangeiro para liderar a Igreja. Eventualmente fui forçado a admitir que minha liderança não representava o melhor interesse denominacional naquela região. Meu novo trabalho foi o pastorado de duas igrejas. Durante os primeiros seis meses, após essa mudança, fiquei muito depressivo.

Ao retornar para os Estados Unidos, minha busca de sucesso voltou a ser intensa. Eu estava no vigor dos meus 30 anos, na plenitude do tempo para granjear a estima dos irmãos e conquistar meus alvos. A essa altura, eu já estabelecera hábitos de trabalho que me seguravam fora de casa por longas horas. Era quase um caso de obsessão pelo trabalho. Programas de todo tipo eram introduzidos na igreja, sempre com o propósito de levar

os maiores relatórios para a Associação.

Hoje, pensando naquele tempo, fico surpreso ao lembrar de como a congregação tolerava tudo o que lhe impunha. Os irmãos simplesmente aceitavam minha liderança e acatavam a maioria dos planos. Talvez tivessem também ilusões de grandeza. Ou estariam eles motivados pelo compromisso missionário? Ainda me sinto em débito para com aqueles membros, por sua bondosa paciência.

Nossos encontros ministeriais mensais no escritório da Associação eram, para mim, oportunidades de ser notado. Se o presidente dava-me alguns tapinhas nas costas, eu interpretava como sinal de aceitação. Se fosse convidado a desempenhar alguma parte no programa diário, tida como de pouca importância, reputava isso como sendo um sinal de desprezo ou nivelamento, por baixo, com os colegas aspirantes. Eu queria estar no topo, ser o centro das atenções, como um pastor reconhecido regularmente por alguma conquista fora do comum. Quando era honrado, sentia-me eufórico; se era ignorado, deixava as reuniões mergulhado na depressão.

Após três anos do meu primeiro pastorado nos Estados Unidos, eu não tinha sido eleito para coisa alguma no escritório da Associação, e comecei a pensar se não havia algo errado. Apareceu, então, um chamado para ser pastor numa Associação do centro-oeste americano. Telefonei a um amigo na sede da Associação, para trocar idéias sobre o assunto, e ele me disse: "Será mais fácil para você, afinal numa Associação pequena não há muita concorrência para funções de liderança." Isso me pareceu um pouco arriscado, mas como o conselho veio de alguém a quem eu admirava bastante, resolvi aceitar o chamado.

Desde que a minha nova igreja era uma das maiores naquele pequeno Campo, seu pastor fazia parte de sua Mesa Administrativa e também da Mesa da Faculdade. Achei as reuniões deveras estimulantes. No íntimo, eu sentia que estava próximo de conquistar aquilo para o que me sentia predestinado. Imagine minha reação quando, certo dia, o presidente sentou-se ao meu lado e me fez conhecer o plano de transferir-me para ocupar a direção de um departamento. Não precisou gastar muito tempo para convencer-me daquela necessidade.

Infelizmente, para mim, antes da Mesa tomar o voto, o presidente da União propôs aos líderes daquela Associação o acúmulo de funções por alguns departamentais, por razões de economia. Numa rapidez estonteante, a medida foi implantada em vários Campos, inclusive o nosso. Agora já não havia departamentais para cada função, e eu fui excluído de qualquer possibilidade. De fato, o próprio presidente da Associação foi mudado também.

Diante da nova situação, quando apareceu um chamado para assumir o pastorado de outra igreja, agora na costa leste, nem foi preciso qualquer trabalho de persuasão para que eu aceitasse. Logo, durante meu ministério naquela igreja, uma transformação começou a ocorrer em minha vida que me levou a um reestudo das minhas prioridades. Até aquele tempo, segurança espiritual para mim residia nas boas obras.

É claro que nisso não havia qualquer segurança pessoal, e eu agia como se tivesse uma imagem bastante negativa de Deus. O Espírito estava gradualmente convencendo-me a deixar as "obras de justiça própria". Havia um sentimento de insatisfação que Ele plantava dentro de mim, que me colocava de prontidão para ouvir a voz de Deus, e reagir como se eu estivesse vivendo a experiência de Paulo na estrada de Damasco.

"Suas boas obras jamais serão suficientes", parecia ouvir-Lhe falar. "Salvação é o que Eu fiz no Calvário, não o que você faz."

Ser e fazer

Meu ansioso espírito foi então banhado pela segurança. Compreendi a satisfação e a paz que estiveram muito longe de mim, por décadas. Aconteceu uma reviravolta positiva e rápida em minha compreensão a respeito de Deus, do papel da Igreja e até mesmo no estilo de ministério. Minha ambição egocêntrica não chegou a ser completamente detida; mas, olhando retrospectivamente, posso ver que o Espírito tinha em mente uma reforma total.

Depois, quando tive a oportunidade de ler alguma coisa sobre a importância de *ser*, antes de *fazer*, compreendi que o Espírito tinha uma mensagem especialmente

para mim. Raramente eu havia considerado o estudo da Bíblia, a meditação e a oração ingredientes apropriados para serem incluídos em minha agenda pastoral diária. Embora eu sempre começasse o dia com um período de estudo da Bíblia e oração, meus hábitos devocionais não me levavam a um relacionamento aberto e real com Deus. Separar um período diário para estar com Deus, não me parecia uma tarefa produtiva.

E enquanto a imagem que eu tinha de Deus sofria alterações, desenvolvi um desejo de conhecê-Lo melhor. "Permanecei em Mim e Eu permanecerei em vós" (João 15:4) tornou-se um compromisso que eu resolvi assumir seriamente. Tentar manter o equilíbrio entre ser e fazer não é fácil, mas comecei a ter cada vez menos sentimento de culpa ao reservar um período diário para cuidar da minha vida espiritual, mesmo em tempos de mais intenso trabalho. Também aprendi que uma das minhas maiores necessidades era empregar tempo regular para oração intercessória, o que também não era fácil, devido a que eu sempre fui muito ativo.

Novas descobertas

Ao mesmo tempo em que dava atenção ao meu desenvolvimento espiritual, tive oportunidade de descobrir meu outro eu, anteriormente misterioso. Por exemplo, numa ocasião em que houve um pequeno conflito envolvendo pessoas da Associação, aprendi que meu estilo pessoal era mais consentâneo com a busca de maneiras de promover a harmonia. Qualquer tipo de confronto me deixava desconfortável, seguramente porque dirigir reuniões de comissão de igreja sempre me pareceu uma tarefa particularmente molesta.

Depois de alguma reflexão, cheguei à conclusão que as tarefas pastorais me transmitiam maior prazer que os trabalhos administrativos. Visitar os membros em seus lares, por exemplo, onde eu podia encorajá-los e dar orientação espiritual, era algo que me realizava plenamente.

Na sincera descoberta de mim mesmo, vi que minha noção de sucesso era mensurável pelo acúmulo de poder e reconhecimento que eu tinha conquistado. Transferências para lugares e funções de me-

nor porte não faziam sentido em meu mundo anterior, mas meu senso de valores estava mudando. Eu ainda estava lutando para manter o equilíbrio entre ser e fazer. Meus hábitos de trabalho levavam-me a sentir culpa se não estivesse constantemente ativo, mas eu estava começando a desenvolver um novo ritmo que me dava a esperança de que, brevemente, eu teria paz.

A idéia de uma mudança de função começou a interessar-me, numa época em que eu estava trabalhando num projeto de pós-graduação. Esse projeto envolvia o desenvolvimento de um modelo espiritual educativo, para intensificação do relacionamento com Deus, a ser usado pelos pastores. Eu estava completamente envolvido e feliz com o projeto e buscava utilizá-lo em um novo tipo de ministério. Quem sabe, eu necessitaria trabalhar como um pastor associado, a fim de poder especializar-me naquelas áreas ministeriais que melhor se adaptassem aos meus dons e temperamento.

Na expectativa de que um chamado para ser pastor associado de uma igreja poderia requerer uma mudança para um lugar distante, minha esposa e eu começamos a pensar no sofrimento de voltar às nossas origens, dez anos atrás. Mas Deus tinha uma grande surpresa em mente. Durante dez anos, nós tínhamos trabalhado numa congregação urbana, ao passo que morávamos num subúrbio. A boa surpresa que Deus reservou para nós foi a oportunidade de nos unirmos a uma equipe de ministros, cerca de três quilômetros distante da nossa casa. Era uma igreja que passara por uma fase espetacular de crescimento nos últimos anos. Para lá fui chamado, e no momento em que atravessei suas portas, senti-me em casa.

Meu sonho de sucesso foi concretizado. Sinto-me completamente satisfeito em meu papel como um conselheiro pastoral, fazendo aquilo que mais me agrada. Meu trabalho não é menos extenuante; na verdade, as horas parecem intermináveis, às vezes. No entanto, a satisfação é muito grande. É muito diferente daquilo que eu havia planejado antes para minha vida. E se ajusta melhor aos valores ministeriais que eu tenho desenvolvido desde que Deus Se me revelou como um amorável e misericordioso Salvador, que eu não conhecia antes.

Liderança feminina ontem e hoje

KIT WATTS

Editora associada da Review and Herald

No crepúsculo do século XIX, nos Estados Unidos, as mulheres tinham mais ou menos a mesma situação legal de uma criança e dos escravos. À mulher casada não era permitido ter propriedades independentemente do esposo, que também controlava o salário dela, caso fosse empregada. A responsabilidade legal das crianças era totalmente depositada nas mãos dos pais. As mulheres não eram admitidas nos colégios nem nas universidades. Não lhes era permitido o ingresso no mundo profissional. Não podiam votar ou se tornarem executivas. Também não podiam falar em público.

Sempre que se tentava modificar tais costumes e leis, tendo em vista ampliar o papel da mulher no lar, na Igreja e na sociedade, a questão se transformava em debate nacional.

Qual era, porém, a atitude da Igreja Adventista em relação à mulher, diante dessas restrições? Onde a Igreja Adventista está situada, em comparação com outros grupos cristãos? Foi Ellen White uma exceção em nossas fileiras, ou existiram outras mulheres que serviram como líderes e figuras públicas? Que tendências têm surgido nos últimos 150 anos?

Este artigo pretende examinar brevemente essas indagações e mostrar evidências da ascensão e queda da mulher adventista em postos de liderança denominacional.



Separação e desigualdade

As razões dadas na primeira parte do século passado para a posição social da mulher, não eram novas,volvendo aos tempos da Grécia e Roma. Então, considerava-se as mulheres como seres débeis e instáveis física, mental e emocionalmente. Por isso, foi-lhes designada uma esfera de separação do sexo masculino, nos assuntos humanos.

O valor moral da mulher também foi debatido através dos séculos. Aristóteles apresentou a teoria de que as mulheres eram homens "bastardos". "Elas são de natureza débil e fria", disse ele, "e devemos ver no caráter feminino algo assim como uma deficiência natural."

Tomás de Aquino (1227-1274) achou que Aristóteles tinha ido longe demais e raciocinou que qualquer coisa “bastarda” não poderia ter sido feita na criação. Mesmo assim, Aquino concluiu que a única ajuda que a mulher poderia oferecer ao homem era na procriação. Em todas as outras coisas, “um homem pode ser muito mais eficientemente ajudado por outro homem”.

Tais pontos de vista continuaram sendo defendidos no século XIX. Em 1840, o escritor de uma das primeiras revistas femininas nos Estados Unidos, intitulada *Godey's Lady Book*, definiu a mulher como “o elo de união entre o homem e os animais inferiores, possuindo uma categoria central entre o instinto misterioso dos últimos e as energias inalcançáveis do primeiro”.

Terreno do evangelho

Os ensinamentos bíblicos eram usados amiúde para isolar a mulher. Não obstante, as sementes de mudança do papel da mulher na sociedade brotaram não das fontes seculares, mas do terreno do evangelho.

Os primeiros sinais disso surgiram em 1740, quando o primeiro Grande Despertamento varreu a Inglaterra e as colônias americanas. A religião içou a mulher das sombras. “A própria experiência da conversão, por exemplo, chegou a ser um rito público ao qual a mulher foi incentivada a aderir”.

João Wesley, fundador do Metodismo na Inglaterra, avançou um pouco mais ao atribuir responsabilidades públicas à mulher, primeiro em pequenos grupos femininos. Depois, permitindo que falasse em público, em oração, testemunho pessoal, exortações e a exposição da literatura religiosa.

Enquanto as principais igrejas tais como Presbiteriana, Luterana e Episcopal, retrocederam no que tange aos avanços do papel da mulher, os novos grupos evangélicos rapidamente lhe deram voz. Na Inglaterra, George Fox argumentou, baseado nas Escrituras, que a igualdade feminina e sua atuação em público podiam ser justificadas.

As sementes de mudança do papel da mulher na sociedade brotaram não das fontes seculares, mas do terreno do evangelho. A religião içou a mulher das sombras.

Animadas por essa visão, as mulheres pregadoras cruzaram o Atlântico e suportaram grandes dificuldades, como tortura e mesmo a morte, para compartilhar os ideais *quakers* da América.

Mas o que aconteceu no segundo Grande Despertamento (1787-1825)? Mais uma vez, o poder convincente do evangelho incitou muitas mulheres a saírem de seus papéis tradicionais.

Entre as primeiras reformas nas quais as mulheres participaram publicamente, encontrava-se o movimento contra a escravidão. Despertadas e vitalizadas pelos princípios cristãos, as mulheres logo começaram a encabeçar outras reformas sociais. Elas reuniram milhares para que aderissem à União Pró-Temperança de Mulheres Cristãs. Trabalharam incansavelmente para melhorar as condições dos manicômios, hospitais, prisões e escolas. Por meio da diligência e sacrifício pessoal, organizaram e fundaram grandes sociedades missionárias que alcançaram a Índia, África, China e as ilhas além-mar.

Ellen Harmon

Num lar metodista do Estado do Maine, nos Estados Unidos, em 1827 nasceu Ellen Gold Harmon. A esperança e a emoção contagiaram-na e aos demais membros da família, quando ouviram Guilherme Miller anunciar que Cristo voltaria entre 1843 e 1844. Embora os Harmon fossem desligados da congregação metodista, em Portland, devido à sua fervente crença adventista, era de se esperar que retivessem muitos dos pontos de vista e das práticas de adoração a que estavam acostumados.

A época da primeira visão de Ellen não pode ser esquecida aqui. Depois do Grande Desapontamento, ela se encontrava com um grupo pequeno, com outras jovens, estudando e orando; algo tido como apropriado entre as mulheres evangélicas daqueles dias.

Foram essas jovens, junto com a família Harmon e outras pessoas, que animaram El-



len a aceitar o que ela considerava um surpreendente e aterrador chamado, o chamado para falar em público e a uma audiência mista, acerca de sua rara experiência religiosa pessoal. Parte de sua renúncia em fazer isso tinha raízes na infância, sua timidez e falta de saúde. O mero fato de uma mulher orar e falar em público, tanto a outras mulheres como a homens, era considerado um atrevimento naqueles dias, mais ainda em círculos religiosos.

Em 1889, Ellen lembrou que seu próprio irmão lha pedira que não falasse em público: “Peço-te, não desonres a família. Farei qualquer coisa por ti, se recusares ser uma pregadora”, ele escrevera. Ela, por sua vez, respondeu: “Pode trazer desonra à família o fato de que alguém pregue a Cristo, o crucificado? Se me desses uma casa cheia do mais puro ouro, mesmo assim não cessaria de dar meu testemunho em favor do meu Deus.”¹

Quando o pregador Carlos Finney deu permissão para que as mulheres participassem publicamente, em 1827, seus companheiros de ministério o acusaram de estar apoiando uma causa que traria divisão às igrejas.² Febe Palmer, pregadora metodista, foi frequentemente desafiada acerca da conveniência de seu trabalho público. Em 1859, ela publicou um livro de 429 páginas defendendo as mulheres que falavam nas igrejas, fundamentando seus argumentos no texto de Joel 2:28.

Os primeiros adventistas

O capítulo 2 do livro de Joel era terreno conhecido para os primeiros adventis-

tas do sétimo dia, por razões semelhantes. Com o objetivo de desviar a crítica sobre o ministério profético e público de uma mulher específica – Ellen G. White, que havia se casado com Tiago White em 1846 –, eles ocasionalmente tratavam o assunto do papel da mulher, de forma geral.

Em 30 de julho de 1861, Urias Smith, redator da *Review and Herald*, publicou um artigo do jornal *Portadown*, com as seguintes palavras de aprovação: “Consideramos o seguinte uma vindicação triunfante do di-

reito de nossas irmãs de participar na adoração pública a Deus. O escritor aplica a profecia de Joel – ‘Vossas filhas profetizarão’ – à pregação feminina, e mesmo quando deva abarcar algum tipo de oratória, pensamos que isso não é senão a metade de seu significado.”

Na edição da *RH* de 18 de agosto de 1868, M. W. Howard falou “desse conservadorismo que tão prontamente teme outorgar proeminência à mulher”.

O tema do papel público da mulher na Igreja Adventista voltou a surgir muitas vezes. Em 1879, J. N. Andrews e Tiago White escreveram artigos em apoio à questão, assim como J. C. Tenney num editorial publicado primeiro em 1892 e reimpresso em 1894

Defensor da mulher

Ellen White chegou a ser um modelo e porta-voz para as mulheres adventistas de sua época. Ela animou as mulheres no sentido de fazerem uso completo de seus talentos nos papéis tradicionais e não tradicionais. Solicitou o apoio dos homens. As três declarações seguintes ilustram sua convicção crescente de que as mulheres deveriam ocupar-se no ministério público. Em 1878, ela disse: “Irmãs, Deus nos chama a trabalhar no campo de colheita e ajudar a reunir os molhos.”³

Em 1886: “Foi Maria a primeira a pregar um Jesus ressuscitado, e a influência refinadora e suavizante das mulheres cristãs é necessária na grande tarefa de pregar a verdade agora.”⁴

Em 1898: “Há mulheres que deveriam

trabalhar no ministério do evangelho. Em muitos aspectos elas fariam muito melhor que os ministros que descuidam a visita ao rebanho do Senhor.”⁵

Ellen White sempre realçou a importância do papel da mãe na criação dos filhos. Como os cristãos de seus dias, ela viu o lar como sua mais alta e importante missão. Avançando em minhas pesquisas, encontrei que quanto mais velha Ellen White, mais ela enfatizava o lugar da mulher no ministério público. Ela também falou claramente em defesa de salários justos e das praxes que afetavam a mulher. Em 1898, por exemplo, ela declarou:

“Foi Maria a primeira a pregar um Jesus ressuscitado, e a influência refinadora e suavizante das mulheres cristãs é necessária na grande tarefa de pregar a verdade agora.”

“Se uma mulher é designada pelo Senhor para fazer um certo trabalho, seu trabalho deve ser estimado por seu valor. ... Pode-se pensar que é um bom plano o permitir às pessoas doar seus talentos e seu trabalho à causa de Deus, enquanto não recebem nada dos fundos da tesouraria... Deus não porá Sua bênção sobre tal plano.”⁶

Mulheres decidem

Que impacto teve a iniciativa de Ellen White sobre as mulheres e a Igreja? Uma boa maneira de avaliar isso é a verificação do número de mulheres que foram empregadas em postos importantes de liderança.

Bertha Dasher deu-se ao trabalho de pesquisar esse assunto, no *SDA Yearbook*, por vários anos. O estudo mostra que onde havia um bom número de mulheres em postos executivos, hoje não existe quase nenhuma. Em 1905, por exemplo, as mulheres ocupavam 20 dos 60 postos de tesouraria nas Associações. O número de mulheres liderando departamentos, também nas Associações, era ainda mais expressivo. Em 1915, aproximadamente 2/3 dos 60 líderes departamentais de Educação eram mulheres, e mais de 50 dos líderes do Departamento de Escola Sabatina também eram mulheres.

Ainda segundo a pesquisa, a influência da mulher em postos executivos na Igreja Adventista, aumentou entre 1900 e 1915.

Algumas dessas mulheres ocuparam esses postos muito cedo na história da Igreja. Três foram eleitas como tesoureiras da Associação Geral antes do fim do século: Adelia Patton VanHorn (1871-1873), Frederica House Sisley (1875-1876) e Minerva Jane Loughborough Chapman (1877-1883).

Poucas galgaram postos proeminentes após a morte de Ellen White, em 1915. Uma delas foi Flora Plummer, cuja carreira começou enquanto os White estavam vivos, quando foi eleita secretária da Associação de Iowa, em 1897. Plummer é também a primeira mulher conhecida por ter servido como presidente interina da

mesma Associação (quando Clarence Sante foi chamado para a Califórnia, em 1900).⁷ A contribuição mais lembrada da Sra. Plummer foi durante os 23 anos em que dirigiu o Departamento de Escola Sabatina da Associação Geral (1913-1936). Desde então, nenhum líder do Departamento de Escola Sabatina superou esse recorde.

Pregadoras e evangelistas

Outra medida de impacto exercida pela iniciativa do casal White pode ser vista na quantidade de mulheres adventistas que adquiriram credenciais ministeriais.

Usando listas extraídas de *Yearbooks* antigos (publicados pela primeira vez nos anos 1883 e 1884), Josephine Benton descobriu pelo menos 53 mulheres com credencial ministerial entre 1884 e 1975. A maioria trabalhando nos Estados Unidos e algumas licenciadas na Finlândia, Nova Zelândia, China e África do Sul. Para 20 dessas mulheres, a credencial foi concedida por um período de 30 anos, entre 1884 e 1915. Daí em diante, o número caiu de forma constante. No período de 60 anos, entre 1915 e 1975, aparecem na lista apenas 25 nomes de mulheres. O fornecimento de credenciais a mulheres foi suspenso quando surgiu o assunto da ordenação feminina.

Na verdade, mais de 53 mulheres receberam uma credencial ministerial na histó-

ria adventista. O *Yearbook*, como qualquer relatório, não está livre de enganos. E os arquivos de Sarah A. Hallock Lindsey refletem esse problema. Como uma pioneira evangelista entre as igrejas de Nova Iorque durante um período marcado por apostasia e confusão, ela recebeu uma credencial em 1872.⁸ Mas seu nome não aparece no *Yearbook*, senão 23 anos mais tarde, em 1895.⁹

Os relatórios também podem ser extra-vidados ou ignorados. Helen Stanton Williams frequentou o Colégio de Battle Creek, chegou a ser uma obreira bíblica, oradora conhecida nas campais, e uma efetiva evangelista. De acordo com o *Yearbook*, ela e seu esposo foram nomeados pastores em Chicago, cada um dirigindo sua própria igreja. Mais tarde foram missionários na África. Quase no fim da vida, Williams sofreu bastante em virtude de acusações no sentido de que mentira, ao dizer que possuía credencial. Um líder denominacional classificou-a como desonesta, depois de procurar e não conseguir encontrar nenhum dado que comprovasse o que ela afirmara.

Após a descoberta de Benton, Bert Haloviak encontrou nomes de muitas mulheres que receberam credenciais em seis Associações, antes de 1884. Os nomes de pelo menos duas delas, Hellen Morse e Aida Ballinger, não aparecem nos *Yearbooks*. Assim, o total de mulheres adventistas, agraciadas com credenciais é superior a 53.

A importância da credencial

Quão importante eram as credenciais para os primeiros adventistas? Em que bases homens e mulheres as recebiam?

As credenciais eram levadas muito a sério no século XIX. Por exemplo, Haloviak assinala que a Associação de Michigan adotou uma resolução em 1881, solicitando às igrejas que não incentivassem pessoas ao trabalho de pregar, sem credencial. Por algum tempo, os que possuíam credencial eram examinados anualmente.

As mulheres seguiram o mesmo caminho ao ministério que era seguido pelos homens. Recebiam treinamento, eram examinadas, recebiam salário (dos dízimos) das Associações locais ou da Associação Geral.

Embora a ênfase do ministério adventista tenha mudado com o tempo, as mulheres

eram tão efetivas como os homens em todos os seus cargos: evangelistas, obreiros e pastores locais.¹⁰

A mudança

Vários fatores contribuíram para a mudança de procedimento. Em 1923, por exemplo, os dirigentes da Igreja estabeleceram novas praxes no Concílio Outonal, tendentes a assegurar que os líderes departamentais deveriam ter uma experiência de comprovado êxito no evangelismo pastoral. Eis a recomendação: "No futuro, os diretores de Atividades Leigas e de Jovens Missionários Voluntários serão eleitos com base em sua experiência de sucesso no evangelismo, preferivelmente, ministros ordenados." As mulheres haviam ocupado muitas funções departamentais até então. As novas praxes chegaram a ser um fator preponderante na redução do número de mulheres em postos administrativos, já que não eram ordenadas.¹¹

As tendências socioeconômicas nos Estados Unidos causaram um impacto sobre a Igreja. Durante a grande depressão, os líderes adventistas criaram praxes destinadas a salvar a Igreja do caos financeiro. Algumas delas atingiram mais negativamente às mulheres do que aos homens, incluindo corte de salário, fusão de Associações e limite no período de gestão das várias funções departamentais.

Na política de redução orçamentária, os ministros ordenados eram sempre os últimos a perder o emprego. A falta de credencial tornava vulneráveis as mulheres.

Havia outras questões. O número de homens treinados para o ministério aumentou. Com a volta dos combatentes, após a Segunda Guerra Mundial, a sociedade dos Estados Unidos deu uma ênfase renovada ao lar e à maternidade.

A morte de Ellen White, em 1915, não deve ser subestimada como um fator na declinante participação feminina na Igreja. Quando a voz de um defensor é silenciada, há menos incentivo em manter praxes inclusivas, especialmente se os líderes têm dúvidas desde o início. E alguns tinham dúvidas. Se todos estivessem de acordo com o ponto de vista da Sra. White, ela não teria escrito sobre salários, como anteriormente mencionado.

Mais mulheres menos credenciais

Outro elemento que contribuiu para o declínio do número de mulheres com credenciais, a partir de 1915: o julgamento subjetivo dos administradores da igreja. Os líderes nem sempre estiveram prontos, ou não receberam permissão, a medir o ministério das mulheres pelo mesmo critério usado para avaliar os homens.

Provavelmente, o número real de mulheres adventistas, fazendo evangelismo e trabalho ministerial, aumentou desde 1915. Porém o número de administradores, responsáveis por outorgar credenciais adequadas, reconhecendo o conteúdo e a qualidade do trabalho dessas mulheres, decresceu.

Estudos de casos

A história de mulheres com credenciais na Finlândia ilustra a tendência a fornecer credenciais ministeriais somente a homens. O primeiro ministro nativo naquele país foi Alma Bjugg. Ex-capitã do Exército de Salvação, estava capacitada para ser líder, e assim foi reconhecida.¹²

O *Yearbook* mostra Bjugg (alternativamente escrito "Bjugg") como ministra licenciada em 1904 e 1905. Bjugg tinha 40 anos e continuou no ministério. Em 1909, ela recebeu credencial de instrutora bíblica. Por que não foi renovada sua credencial ministerial? Mudou, porventura, a natureza de seu trabalho? Ou os dirigentes da União ou da Divisão tiveram outra visão? De fato, com o passar do tempo, as credenciais ministeriais chegaram a ser outorgadas na Igreja Adventista, não com base no trabalho, mas em relação ao sexo.

As estatísticas de 1949 na Finlândia são uma ilustração dessa tendência. A Igreja ali numera doze ministros ordenados, doze ministros licenciados, todos homens; e 36 missionários licenciados, dos quais 25 são mulheres. Entre essas 25 mulheres, onze são obreiras institucionais. Das 14 restantes, nove são consideradas por pessoas que as conheceram, como desempenhando cargos ministeriais.¹³

Em outras palavras, em 1949, pelo menos a nove mulheres não foram outorgadas credenciais que representavam a verdadeira natureza de seu trabalho. Desde o começo do século, entre 20 e 40 mulheres

na Finlândia são consideradas como pessoas que fizeram trabalho ministerial. No entanto, Alma Bjugg é a única que, segundo se sabe, aparece com credencial ministerial.

Sem desanimar

Até 1915, um bom número de mulheres adventistas ocupava postos administrativos. Sendo que a Igreja era relativamente pequena nessa época (menos de 137 mil membros no mundo), as mulheres representavam uma boa proporção dos líderes denominacionais.

Entretanto, os números declinaram de modo dramático. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, as mulheres adventistas perderam todo o terreno que haviam conquistado nos cem anos anteriores. Elas desapareceram completamente das administrações dos Campos. Hoje, já passados 50 anos, torna-se mais difícil lembrar a antiga proeminência e efetividade femininas.

Numa tendência similar, o número de mulheres com credenciais ministeriais quase se extinguiu. Durante a última parte de 1970, a Igreja suspendeu a centenária prática de outorgar tais credenciais a mulheres. Apesar disso, há mulheres adventistas que continuam mantendo a fé, a dedicação e o entusiasmo. Histórias sobre seu valor e suas conquistas missionárias surgem em todos os lugares. Elas pregam, evangelizam e ministram em todo o mundo. Ainda que seu trabalho não seja, muitas vezes, adequadamente avaliado ou reconhecido.

Referências:

1. Ellen White, *Signs of the Times*, 24/06/1889.
2. Nancy Hardesty, *Lucille Sider Dayton e Donald Dayton, Ruether and McLaughlin*, pág. 230.
3. Ellen White, *Evangelismo*, pág. 349.
4. Idem, *O Ministério da Bondade*, pág. 152.
5. Idem, *Evangelismo*, pág. 345.
6. Idem, *idem*, pág. 359.
7. *A única mulher, além desta, conhecida como presidente de Associação, desde 1900, é Phyllis Mostley Warc.*
8. Brian Strayer, *Adventist Heritage 11, 1º Trimestre de 1986*, págs. 18 a 24.
9. Josephine Benton, *Called by God*, pág. 229, Smithsburg, Md, 1990.
10. Idem, pág. 8.
11. Idem, pág. 7.
12. *Carta ao autor, de Anna-Liisa Halonen, tesoureira da União Finlandesa*, 18/11/1994.
13. *Ibidem*.

*Isto você
não pode perder*

Prepare-se desde já
para os Concílios Ministeriais
que serão realizados com a presença dos
líderes da Associação Ministerial da
Associação Geral e da Divisão Sul-Americana

CONFIRA OS LOCAIS E AS DATAS:

01 A 05 DE JULHO DE 1997

IAENE – União Norte e Nordeste

08 A 12 DE JULHO DE 1997

IAE – União Central e Este

15 A 19 DE JULHO DE 1997

PUIGARI – União Austral, Chilena e
Sul Brasileira

22 A 26 DE JULHO DE 1997

ÑAÑA – União Peruana e Boliviana,
Missões Equatorianas do Norte e do Sul